

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM TEOLOGIA

SILAS MAJDALANI DE CERQUEIRA

**A IMPORTÂNCIA DA ESCRITURA SAGRADA PARA A IGREJA PRIMITIVA E
PARA A IGREJA EVANGÉLICA CONTEMPORÂNEA: UMA ANÁLISE
COMPARATIVA E CRÍTICA**

São Leopoldo

2022

SILAS MAJDALANI DE CERQUEIRA

**A IMPORTÂNCIA DA ESCRITURA SAGRADA PARA A IGREJA PRIMITIVA E
PARA A IGREJA EVANGÉLICA CONTEMPORÂNEA: UMA ANÁLISE
COMPARATIVA E CRÍTICA**

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para a obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação
Mestrado Profissional em Teologia
Área de Concentração: Religião e
Educação
Linha de Atuação: Leitura e Ensino da
Bíblia

Pessoa Orientadora: Verner Hoefelmann

São Leopoldo

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C416p Cerqueira, Silas Majdalani de
A importância da Escritura Sagrada para a igreja primitiva e para a igreja evangélica contemporânea : uma análise comparativa e crítica / Silas Majdalani de Cerqueira ; orientador Verner Hoefelmann. – São Leopoldo : EST/PPG, 2022.
70 p. ; 31 cm

Dissertação (Mestrado) – Faculdades EST. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2022.

1. Bíblia – Crítica, interpretação, etc. 2. Bíblia – Atos – Crítica, interpretação, etc. 3. Bíblia – Estudo e ensino. I. Hoefelmann, Verner, orientador. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

SILAS MAJDALANI DE CERQUEIRA

A importância da Escritura Sagrada para a igreja primitiva e para a igreja evangélica contemporânea: uma análise comparativa e crítica

Monografia de Mestrado para obtenção do grau de Mestre em Teologia
Faculdades EST

Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de concentração: Religião e Educação

Linha de atuação: *Leitura e Ensino da Bíblia*

Data de Aprovação: 24 de junho de 2022

Prof. Me. Verner Hoefelmann

Presidente da banca

Prof. Dr. Flávio Schmitt

Faculdades EST - Participação por videoconferência

Prof. Dr. Tiago Samuel Lopes de Carvalho

ISCON - Participação por videoconferência

Dedico este trabalho ao maior responsável, abaixo de Deus, em despertar em mim o amor pela Bíblia, meu pai: Pr. Daniel Santos de Cerqueira.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, Aquele que me fortaleceu e que nunca desistiu de mim, apesar de todas as minhas falhas: Deus. Sem Ele nada conseguiria fazer (Jo. 15.5).
Assim tributo à Ele toda glória (Rm. 11.36).

Sou imensamente grato a minha esposa: Ane, fazendo jus ao significado do seu nome, de forma tão graciosa, tem estado ao meu lado; sendo um valioso apoio, principalmente, nos meus momentos de fragilidades. Bom saber que posso contar com seu amor. Você é o meu par da dança da vida. Você é um presente do Senhor na minha vida.

Agradeço aos meus pais: Daniel e Esmín, pelo contínuo amor dedicado. Amor que faz com que eles sacrificassem tantas coisas em prol de seus filhos. Vocês são exemplos para minha vida. Amo vocês.

Sou grato a meus irmãos, bem como todos os demais familiares, que de forma peculiar também cooperaram na conclusão desta obra.

Agradeço a todos integrantes da Família da Esperança (membros da Igreja Evangélica Batista Nova Esperança). Tive o privilégio de nascer nessa igreja, e ao decorrer dos anos, esses queridos têm tido paciência e amor para comigo, inclusive me sustentando em oração. Não há como dissociar da minha trajetória a participação desses queridos irmãos.

Sou grato ao meu orientador: Prof. Verner Hoefelmann, que de modo tão atencioso, me ajudou na elaboração deste trabalho. Nesse convívio, um dos momentos que me marcou, foi em uma das suas aulas, em que na parte inicial, ele fez uma devocional. Ao fazer tal reflexão, ele pegou a sua Bíblia, que já estava com as páginas bem desgastadas, devido ao seu uso contínuo por anos. É uma honra ter um orientador que, notoriamente, ama a Escritura.

Enfim, a todos que me ajudaram direta ou indiretamente, o meu muito obrigado.

A lei do Senhor é perfeita e restaura a alma; o testemunho do Senhor é fiel e dá sabedoria aos símplices. São mais desejáveis do que ouro, mais do que muito ouro depurado; e são mais doces do que o mel e o destilar dos favos.

Salmo 19:7 e 10

RESUMO

O tema da presente monografia diz respeito à importância da Escritura Sagrada para a igreja primitiva e para a igreja evangélica contemporânea, em uma análise comparativa e crítica. O capítulo 2 de Atos evidencia que a Escritura Sagrada era priorizada entre os primeiros cristãos. Essa centralidade pode ser vista nos fatos de que ela: fornecia o conteúdo principal da mensagem, era reproduzida em atitudes, afetava integralmente a vida e era vivida cotidianamente. Tal valorização trazia como resultado uma revolução na própria sociedade em que eles estavam inseridos. Destoando dessa realidade, atualmente, muitos cristãos tem secundarizado a Bíblia. Evidências dessa conjuntura é que: a mensagem da igreja não está centrada no texto sagrado, há um analfabetismo bíblico, a Bíblia tem sido interpretada de forma adulterada e existe uma dicotomia entre a pregação e a vivência. O reflexo dessa desvalorização é a função pequena e limitada significância que eles têm desempenhado na comunidade. O objetivo da pesquisa é apontar possíveis soluções para que a Palavra volte a ter um papel de centralidade na congregação, desfazendo assim o abismo de juízo de valor constatado entre a igreja primitiva e a igreja contemporânea, e conseqüentemente, que a igreja torne a ser um agente transformador. Restaurar o apreço pela Escritura é restabelecer a relevância social da própria igreja.

Palavras-chave: Escritura Sagrada. Igreja primitiva. Igreja evangélica contemporânea.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 A IMPORTÂNCIA DA ESCRITURA SAGRADA PARA IGREJA PRIMITIVA A PARTIR DE ATOS 2.....	13
2.1 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O LIVRO DE ATOS.....	13
2.1.1 Autoria.....	13
2.1.2 Destinatário.....	14
2.1.3 Datação.....	14
2.1.4 Contexto e propósito.....	15
2.1.5 Estrutura.....	16
2.2 A DEFINIÇÃO DO TEXTO SAGRADO E SUA INTERPRETAÇÃO A PARTIR DE ATOS 2.....	17
2.2.1 A Sagrada Escritura para igreja primitiva.....	17
2.2.2 Como as primeiras comunidades cristãs interpretavam.....	19
2.2.2.1 <i>O fenômeno do derramar do Espírito Santo.....</i>	<i>19</i>
2.2.2.2 <i>O evento da ressurreição e exultação de Cristo.....</i>	<i>21</i>
2.3 A ESCRITURA SAGRADA E O MODO DE VIVER DOS PRIMEIROS CRISTÃOS (AT 2.42-47).....	23
2.3.1 Comparação de versões bíblicas.....	23
2.3.1.1 <i>Texto.....</i>	<i>23</i>
2.3.1.2 <i>Tradução.....</i>	<i>23</i>
2.3.1.3 <i>Versões.....</i>	<i>24</i>
2.3.1.4 <i>Comparação de traduções.....</i>	<i>24</i>
2.3.1.4.1 <i>Omissão.....</i>	<i>24</i>
2.3.1.4.2 <i>Acréscimo.....</i>	<i>25</i>
2.3.1.4.3 <i>Modificação.....</i>	<i>25</i>
2.3.1.4.4 <i>Interpretação.....</i>	<i>26</i>
2.3.2 Aparato crítico.....	26
2.3.2.1 Primeira variante: εν Ιερουσαλημ.....	27
2.3.2.2 Segunda variante: και.....	27
2.3.3 Análise do vocabulário.....	28
2.3.4 O papel central da Escritura Sagrada e o seu reflexo no modo de viver.....	30
3 A IMPORTÂNCIA DA ESCRITURA SAGRADA PARA IGREJA EVANGÉLICA CONTEMPORÂNEA.....	33
3.1 A REALIDADE CONTEMPORÂNEA.....	33
3.1.1 A pluralização.....	34
3.1.2 A horizontalização.....	34
3.1.3 O antropocentrismo.....	35
3.1.4 O subjetivismo.....	35
3.1.5 O materialismo.....	36
3.1.6 O sincretismo.....	36
3.1.7 A restringibilidade da religião.....	37
3.1.8 O mercado religioso.....	38

3.2 A SECUNDARIZAÇÃO DA BÍBLIA POR PARTE DA IGREJA EVANGÉLICA CONTEMPORÂNEA.....	40
3.2.1 O conteúdo principal da mensagem não tem sido a Bíblia.....	40
3.2.2 O analfabetismo bíblico.....	42
3.2.3 A adulteração na interpretação da Escritura.....	45
3.2.4 A dicotomia entre a pregação e a vivência.....	47
3.3 O GRANDE ABISMO ENTRE ESTES JUÍZOS DE VALORES.....	51
4 UMA PONTE PARA O GRANDE ABISMO: RESTAURANDO O APREÇO PELA ESCRITURA.....	55
4.1 PILARES DESSA PONTE.....	55
4.1.1 A dedicação à Bíblia.....	55
4.1.2 A fidelidade à Bíblia.....	57
4.1.3 A contextualização da mensagem.....	59
4.1.4 A Bíblia como livro de fé e prática.....	62
4.2 A REVOLUÇÃO DECORRENTE DA VALORIZAÇÃO DA BÍBLIA.....	63
5 CONCLUSÃO.....	65
REFERÊNCIAS.....	68

1 INTRODUÇÃO

O propósito deste trabalho é analisar comparativamente o papel que a igreja primitiva atribuía à Escritura Sagrada e o papel que a igreja contemporânea atribui ao texto sagrado. Além disso, o trabalho busca possíveis soluções para que a Escritura Sagrada volte a ter um papel central na igreja evangélica da atualidade, aproximando-se do exemplo deixado pela igreja primitiva. Assim, o objeto de pesquisa são a igreja primitiva e as igrejas evangélicas.

A perspectiva bíblica do tema, como não poderia deixar de ser, foi delimitada e será efetuada a partir de Atos 2. Foco principal na análise desse texto será o uso do Antigo Testamento e a descrição do modo de viver daquela comunidade religiosa. A partir disso procura-se visualizar como a igreja primitiva tratava os textos da Sagrada Escritura, como eles eram interpretados e como tais escritos impactavam a sua vivência de fé. Em contraposição a esse exemplo, pretende-se demonstrar que com o passar do tempo a igreja evangélica passou a conferir uma menor importância aos textos sagrados, colocando-os em posição secundária.

Vale dizer que ao fazer referência à igreja evangélica contemporânea, não se tem a pretensão de discorrer sobre a igreja organizacional, nem sobre determinada denominação. Faz-se referência à igreja como organismo. Por isto a presente pesquisa não faz menção a uma denominação específica. Se houvesse tal delimitação, se estaria restringindo as questões abordadas neste trabalho a uma instituição, dando a entender que só teria aplicabilidade a tal organização, o que distanciaria do propósito da pesquisa.

O presente trabalho considera que a maioria das igrejas evangélicas de hoje não valora a Escritura Sagrada como elemento central. Essa realidade difere da encontrada na igreja primitiva, que Lucas apresenta como a igreja modelo. Na igreja paradigma, tais textos eram julgados como essenciais. Eles deveriam estar presentes no modo de viver da comunidade, razão pela qual esse procedimento impactava a sociedade da época. A igreja hodierna, ao contrário, considera os textos sagrados como algo acessório e opcional.

Na tentativa de agradar “os clientes” do concorrido mercado religioso, transmitindo uma palavra que não confronte as pessoas, muitas igrejas evangélicas têm substituído o ensinamento genuinamente bíblico por uma mensagem de

entretenimento, autoajuda e materialista. Ou seja, outros princípios, que não são os bíblicos, são os que têm sido o fundamento. A igreja contemporânea, que deveria ser uma continuidade da igreja primitiva, tem se tornado apenas mais um local de diversão, como qualquer outra casa de espetáculo, sendo apenas mais um emissor da mensagem que já é propagada pela sociedade, afastando-se assim do exemplo deixado pelos primeiros cristãos.

O tema escolhido para o presente trabalho demonstra sua importância científica no fato de propor uma reflexão teológica sobre como tem sido o procedimento da igreja evangélica hodierna em relação à valorização da Escritura Sagrada, e como deveria ser, caso ela tivesse como parâmetro a igreja paradigma, ou seja, a igreja primitiva. Claro que a intenção da pesquisa não se limita a apontar a contradição, mas também propor caminhos para reduzir esse abismo.

O trabalho também possui relevância para a sociedade, na medida em que instigará a igreja a voltar a cumprir o seu papel de ser um agente transformador em seu contexto. O texto sagrado possui uma mensagem revolucionária. Quando ela é desprezada, naturalmente a igreja deixa de cumprir a sua missão transformadora, tendo assim pouca relevância social, tornando-se mais uma propagadora de um conteúdo comum. A igreja primitiva revolucionou a realidade em que estava inserida pelo fato de pregar e viver a Escritura Sagrada. Se a igreja evangélica atual seguir esse exemplo, causará um grande impacto social. Em outras palavras, restaurar o apreço pela Escritura é recolocar a igreja no cumprimento da sua razão de existir: ser uma emissora da sinfonia do amor e da graça em um mundo ruidoso.

A justificativa deste trabalho reside na preocupação pastoral com o problema apontado e suas consequências. A metodologia utilizada é bibliográfica. A presente pesquisa está estruturada nos seguintes capítulos: a) a importância da Escritura Sagrada para igreja primitiva a partir de Atos 2; b) a importância da Escritura Sagrada para igreja evangélica contemporânea; e c) uma ponte entre o abismo: restaurando o apreço pela Escritura. No primeiro capítulo serão expostas breves considerações sobre o livro de Atos, a definição dos textos que eram considerados sagrados para igreja primitiva, como ela os interpretava e o papel central que eles exerciam, impactando o seu modo de viver. O capítulo seguinte abordará a realidade contemporânea na qual a igreja evangélica está inserida, que tem influenciado para a secundarização da Bíblia, resultando em um analfabetismo bíblico por parte dos integrantes das comunidades religiosas, realidade que se distancia da igreja

primitiva, havendo, portanto um grande abismo entre os juízos de valores. O último capítulo se propõe a discutir sobre a possibilidade de restaurar o apreço pela Escritura.

2 A IMPORTÂNCIA DA ESCRITURA SAGRADA PARA IGREJA PRIMITIVA A PARTIR DE ATOS 2

Este capítulo pretende ocupar-se com o valor que a igreja primitiva atribua aos textos sagrados. Esta análise será feita a partir do capítulo 2 de Atos, tendo em vista que nessa passagem são abordados textos veterotestamentários, como um texto do profeta Joel, além de outros. O mesmo capítulo descreve, além disso, o modo como a realidade descrita pelos textos sagrados impactava o modo de viver dessa comunidade.

2.1 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE LIVRO DE ATOS

Para uma melhor compreensão da perícopes de Atos 2, é importante algumas considerações sobre o livro em que esse texto está inserido, como autoria, destinatário, datação, contexto, propósito e estrutura.

2.1.1 Autoria

Mesmo que o livro de Atos não apresente seu autor, há certo consenso nas tradições antigas de que tanto o terceiro evangelho como o livro de Atos tenham sido escritos por uma pessoa chamada Lucas, um companheiro de viagem de Paulo e médico de profissão.¹ Mesmo que a pesquisa mais recente também tenha levantado dúvidas sobre a exatidão histórica dessa tradição, são vários os indícios de que ambos os livros remontam ao mesmo autor: a) as considerações linguísticas; b) os sinais estilísticos; c) o endereçamento comum a Teófilo (Lc 1.3 e At 1.1); d) a proximidade dos temas abordados. Além disso, Atos 1.1 esclarece que os dois volumes foram escritos como duas partes de uma mesma obra literária.²

¹ ALLEN, Clifton (Editor Geral). **Comentário Bíblico Broadman: Novo Testamento**. 2 ed. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1987, p. 11.

² CHAMPLIN, Russel Norman. **O Novo Testamento interpretado versículo por versículo: Atos e Romanos**. São Paulo: Milenium Distribuidora Cultural Ltda, 1983, p. 2-3.

2.1.2 Destinatário

O livro de Atos foi escrito para uma pessoa de nome Teófilo (At 1.1), com a finalidade de apresentar a ele e a outras pessoas interessadas uma exposição e defesa do cristianismo. Segundo parece, não foi uma obra dirigida apenas a comunidades cristãs, mas também a pessoas influentes, com a intenção de mostrar a elas que a fé cristã é digna de respeito e consideração.³

Não merece crédito a afirmação de que Teófilo não seria uma pessoa real, mas apenas uma representação de qualquer leitor. Tal suposição se baseia no significado do nome Teófilo, que significa “amigo de Deus”. Esse argumento não se sustenta, tendo em vista que o termo “excelentíssimo” que Lucas utiliza no Evangelho para se referir a Teófilo (Lc 1.3), também é utilizado outras três vezes em Atos (23.26, 24.3 e 26.25) para designar pessoas reais e de projeção (Cláudio Lísias, Tértulo e Félix).⁴

2.1.3 Datação

A data mais recuada possível para a redação do livro de Atos é o ano 60 d. C. Esse é o tempo mais cedo em que Paulo poderia ter chegado a Roma (At 28). Logo, o livro de Atos não poderia ter sido escrito antes dos últimos episódios ali registrados. A data mais avançada possível é a de 150 d. C., quando Marcião fez uso bem definido do Evangelho de Lucas como parte de um cânon cristão, razão pela qual se sabe que o livro de Atos já existia. Entretanto, Lucas foi aparentemente um companheiro de viagens missionárias de Paulo, como parecem indicar as passagens redigidas na primeira pessoa do plural em Atos 16.10-27; 20.5-15; 21.1-18 e 27.1-28.15. Por isso ele não podia ser homem de idade muito diferente do apóstolo Paulo. Assim não é muito provável que ele tivesse vivido para além do ano 100 d.C.⁵ Além disso, não é razoável que se compreenda que o livro tenha sido escrito após o ano 90, tendo em vista que após essa data Lucas certamente teria em mãos as epístolas de Paulo. Nesse caso, o retrato que ele traça de Paulo em Atos teria estado mais em harmonia com as referências que o próprio Paulo fez a si

³ CHAMPLIN, 1983, p. 6.

⁴ ALLEN, 1987, p. 16.

⁵ ALLEN, 1987, p. 4-5.

mesmo.⁶ Nesse interstício entre os anos de 60 e 90 d. C, portanto, devemos situar a data de redação deste livro.

Os que apoiam a data próxima a 62 d.C. sustentam que o livro contém apenas informações de eventos anteriores a 60. Não se faz referência ao martírio de Paulo e Pedro ou à perseguição movida por Nero em 64. O livro também não menciona o martírio de Tiago, irmão de Jesus, em 62, nem a queda de Jerusalém no ano 70.⁷

Em contrapartida, a compreensão da escrita após o ano 70 se fundamenta a partir do fato de que o livro de Atos foi produzido após o Evangelho de Lucas (At 1.1). Se estiver correta a teoria das duas fontes, segundo a qual o Evangelho de Lucas teve como uma de suas fontes o Evangelho de Marcos, que geralmente está datado entre 65 e 70 d.C, parece provável que o terceiro evangelho tenha sido escrito depois de dessa data. Outro argumento para uma redação mais tardia é que o Evangelho de Lucas traz um discurso apocalíptico de Jesus sobre o julgamento de Jerusalém (Lc 21.20-24), que parece ter relação com a sua destruição no ano 70. A riqueza de detalhes do texto sugere que Lucas já tinha conhecimento desse ocorrido no momento da escrita.⁸ Seja como for, a maioria dos eruditos recentes concorda com uma data após o ano 70, mais precisamente entre 70-85 d. C.⁹

2.1.4 Contexto e propósito

O livro de Atos descreve o nascimento da igreja e as primeiras décadas de sua evolução. Nessa conjuntura, os cristãos eram acusados de formar uma seita subversiva (At 26.26) e de serem politicamente nocivos, sofrendo por isso severas perseguições. Neste cenário, Lucas quer transmitir a real e incontrolável expansão do Evangelho, defendendo a fé cristã e demonstrando que tais acusações são infundadas.¹⁰ Lucas quer retratar a característica universal da fé cristã, afastando a tentativa de limitá-lo aos conceitos do judaísmo do primeiro século, visando assim uma nova humanidade que paira acima dos limites de raça e de nacionalidade.¹¹

⁶ ALLEN, 1987, p. 14.

⁷ ALLEN, 1987, p. 13.

⁸ ALLEN, 1987, p. 14.

⁹ CHAMPLIN, 1983, p. 5.

¹⁰ YOUNGBLOOD, Ronald F. **Dicionário ilustrado da Bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 2004, p. 156.

¹¹ STAGG, Frank. **O livro dos Atos dos Apóstolos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1982, p. 29.

É possível que a perseguição contra os cristãos, que os reduziu a grande estado de penúria, tenha sido uma das causas da partilha comunal de bens, em que os crentes distribuíam seus bens uns com os outros, utilizando um fundo comum (At 2.44-45), a fim de que pudessem sobreviver.¹²

2.1.5 Estrutura

Com base no esquema fornecido em Atos 1.8, o livro de Atos pode ser dividido em três partes: 1) O testemunho do evangelho em Jerusalém (1.1-8.3), 2) o testemunho na Judeia e Samaria (8.4-12.24) e 3) o testemunho do evangelho até os confins da terra (12.25-28.31).¹³

A primeira parte (o testemunho em Jerusalém: 1.1-8.3) é composta por dois blocos: a) o poder da igreja (1.1-2.47) e b) a expansão da igreja (3.1-8.3). Nesse primeiro bloco se tem a introdução do livro (1.1-3), as aparições de Jesus ressurreto (1.4-8), a ascensão de Cristo (1.9-11), a expectativa pelo Espírito Santo (1.12-14), a escolha de Matias (1.15-26), a descida do Espírito Santo (2.1-13), o discurso de Pedro (2.14-36), a aceitação do evangelho e o batismo de quase três mil pessoas (2.37-41) e o modo de viver dos convertidos (2.42-47). O segundo bloco trata sobre: a cura de um coxo (3.1-10), o segundo discurso de Pedro (3.11-26), a prisão de Pedro e João (4.1-12), a proibição a Pedro de pregar, por parte do Sinédrio (4.13-22), a oração dos apóstolos pedindo ousadia (4.23-31), o compartilhar dos bens na igreja primitiva (4.32-37), a mentira de Ananias e Safira (5.1-11), os sinais e prodígios realizados pelos apóstolos (5.12-16), a perseguição dos apóstolos (5.17-42), a nomeação dos diáconos (6.1-7), a defesa e o martírio de Estêvão (6.8-7.60) e a perseguição da igreja (8.1-3).¹⁴

A segunda parte do livro (o testemunho do evangelho na Judeia e Samaria: 8.4-12.24) é constituída por quatro blocos: a) o testemunho de Filipe (8.4-40), b) a conversão de Saulo (9.1-31), c) o testemunho de Pedro (9.32-11:18) e d) o testemunho da igreja primitiva (11.19-12.24).¹⁵

A terceira e última parte do livro (o testemunho do evangelho até os confins da terra - 12.25-28.31) é fracionada em cinco blocos: a) a primeira viagem

¹² CHAMPLIN, 1983, p. 71.

¹³ YOUNGBLOOD, 2004, p. 156.

¹⁴ YOUNGBLOOD, 2004, p. 156.

¹⁵ YOUNGBLOOD, 2004, p. 156.

missionária de Paulo (12.25-14:28), b) o concílio de Jerusalém (15.1-35); c) a segunda viagem missionária (15.36-18.22); d) a terceira viagem missionária (18.23-21.14) e e) a viagem de Paulo a Roma como prisioneiro (21.15-28.31).¹⁶

Em suma, com base nessa estruturação, vê-se que a perícopes objeto deste trabalho (At 2) está inserida na primeira parte do livro de Atos, onde Lucas descreve o testemunho do evangelho em Jerusalém (1.1-8.3), mais especificamente, no primeiro bloco desta parte, que trata do poder conferido à igreja (1.1-2.47), que inclusive encerra esse bloco. Este capítulo trata sobre a descida do Espírito Santo (2.1-13); o discurso de Pedro que interpreta o ocorrido (2.14-36) com base textos do Antigo Testamento, a aceitação e o batismo de quase três mil pessoas (2.37-41) e o modo de viver dos convertidos (2.42-47), impactado pelo ensino da Sagrada Escritura.

2.2 A DEFINIÇÃO DO TEXTO SAGRADO E SUA INTERPRETAÇÃO A PARTIR DE ATOS 2

Para analisar a importância que a igreja primitiva concedia à Sagrada Escritura, é imprescindível que se identifique quais textos eram considerados como sagrados para aquela comunidade religiosa e de que forma ela interpretava esses escritos.

2.2.1 A Sagrada Escritura para igreja primitiva

No tempo das primeiras comunidades cristãs não existia o Novo Testamento, e nem mesmo o Antigo Testamento estava definitivamente canonizado.¹⁷ A canonização do Antigo Testamento só foi fixada definitivamente por volta do ano 110 d. C. no Sínodo de Jâmnia.¹⁸

Todavia, mesmo sem ter um cânon oficial, os primeiros cristãos possuíam uma Sagrada Escritura, que era, basicamente, o que os cristãos hoje denominam de Antigo Testamento. Em outras palavras, na prática “a Bíblia das primeiras

¹⁶ YOUNGBLOOD, 2004, p. 157.

¹⁷ BRAKEMEIER, Gottfried. **A autoridade da Bíblia**: Controvérsias – Significado - Fundamento. São Leopoldo: Sinodal, 2003, p. 17.

¹⁸ DREHER, Martin. **Bíblia**: suas leituras e interpretações na história do Cristianismo. 2 ed. São Leopoldo: Sinodal, 2013, p. 7.

comunidades cristãs era o AT.¹⁹ A concepção do Antigo Testamento como texto sacro já era real desde os dias de Jesus, transferindo-se nos primeiros anos para a comunidade cristã.²⁰ O próprio Jesus utilizou o termo “Escritura” (Mc. 12.10; Lc 4.21; Jo 13.18) ou “Escrituras” (Mt 21.42; Mc 12.24; Lc. 24.27) para fazer referência a passagens do Antigo Testamento.²¹ “A Escritura de Jesus e das primeiras comunidades era o que os cristãos passaram a denominar de Antigo Testamento.”²² Em resumo, a igreja primitiva considerava como texto sagrado a Escritura judaica, mesmo que ela não estivesse ainda definitivamente constituída.

No formato preservado pelos judeus, o Antigo Testamento (ou a Bíblia Hebraica) possui três divisões: I) a Torá/Lei (Pentateuco), II) os profetas (Nebiim) e III) os Escritos (Ketubim). O primeiro bloco é composto pelos livros de Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio. O segundo grupo traz duas subdivisões: a) os profetas anteriores, formados pelos livros de Josué, Juízes, Samuel, Reis; e b) os profetas posteriores integrados pelos livros de Isaías, Jeremias, Ezequiel e o Livro dos Doze Profetas (que abarca os livros de Oseias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miqueias, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias). Por fim, a última secção traz três subdivisões: a) livros poéticos - Salmos, Provérbios e Jó; b) cinco rolos - composto pelos livros de Cântico dos Cânticos, Rute, Lamentações, Eclesiastes e Ester; c) históricos – formados pelos livros de Daniel, Esdras e Neemias (contados como um único livro) e 1 e 2 Crônicas.²³

No capítulo 2 de Atos se encontra a citação de um trecho de Joel, que integra o bloco dos profetas (Nebiim), no subgrupo dos profetas posteriores, mais especificamente, o livro dos doze profetas, e duas passagens de Salmos, que fazem parte do bloco dos Escritos (Ketubim), no subgrupo dos livros poéticos.

Vale dizer que a Bíblia protestante, em relação ao Antigo Testamento, está organizada na disposição da Septuaginta (LXX), embora ela tenha deixado de lado alguns livros dessa coletânea. Quando Lutero, no contexto da Reforma Protestante, traduziu a Bíblia para a língua alemã, ele seguiu a decisão do Concílio de Jâmnia,

¹⁹ BRAKEMEIER, 2003, p. 17.

²⁰ DREHER, 2013, p. 7.

²¹ BRAKEMEIER, 2003, p. 71.

²² HOEFELMANN, Verner. **Como Jesus interpretava as Escrituras Sagradas** (material didático).

²³ YOUNGBLOOD, 2004, p. 207-208.

que considerou como canônicos apenas os livros que à época ainda eram conhecidos em sua versão hebraica original.²⁴

2.2.2 Como as primeiras comunidades cristãs interpretavam

Após o evento de Pentecostes em Jerusalém, cinquenta dias após a Páscoa e dez dias após a ascensão de Jesus, Lucas relata uma pregação do apóstolo Pedro, que a partir de textos bíblicos procurou interpretar o acontecido. A partir dessa pregação de Pedro sobre o derramamento do Espírito Santo, a ressurreição e exaltação de Jesus (At 2.14-36) identifica-se como a igreja primitiva interpretava a Sagrada Escritura. Sendo observada uma perspectiva redacional, ou seja, na forma como Lucas retrata o evento e descreve a vida da comunidade primitiva.

2.2.2.1 O fenômeno do derramar do Espírito Santo

A narrativa de Atos 2 está inserida no contexto da festa judaica de Pentecostes, também denominada de festa das primícias, pois celebrava o início da colheita do trigo, ou festa das semanas, já que acontecia sete semanas após o sábado pascal (Êx 23.16; Lv 23.16; Dt 16.10). Nesta comemoração se reconhecia que Deus não apenas concede a vida, mas também sustenta com as dádivas da criação. Por influência de círculos sacerdotais e farisaicos, um segundo significado foi agregado: a dádiva da lei. Assim se passou a rememorar nela também a aliança de Deus com o seu povo no monte Sinai. As pessoas cristãs deram um novo significado a essa festa, passando a associar a ela ao dom do Espírito, que não estaria mais reservado apenas a determinadas pessoas, como na antiga aliança, mas a todo o povo de Deus.²⁵

Junto com Páscoa e Tabernáculos, Pentecoste era uma das três grandes festas de peregrinação do povo judeu ao santuário central de Jerusalém (Dt 16.1-17).²⁶ Os israelitas maiores de doze anos e prosélitos convertidos ao judaísmo deviam participar delas com regularidade. Judeus da diáspora procuravam participar ao menos de uma dessas festas por ano, ou em casos de longas distâncias, de uma

²⁴ YOUNGBLOOD, 2004, p. 208.

²⁵ HOEFELMANN, Verner. **Atos 2.1-21:** auxílio homilético. Disponível em <<https://www.luteranos.com.br/conteudo/atos-2-1-21>>. Acesso em 29 de abril de 2022.

²⁶ HOEFELMANN, Verner. **Pneumatologia.** Material didático

durante a vida. Certamente esse dever religioso explica as diversas nacionalidades presentes no relato de Atos 2.9-11.²⁷

Neste contexto, Atos 2 descreve o derramamento do Espírito Santo, no decorrer do qual as pessoas que ficaram cheias do Espírito Santo começaram a falar em outras línguas (At 2.4). Há uma discussão sobre a natureza dessas línguas. Sobre tal questão, pode-se destacar pelo menos duas vertentes: a) línguas estrangeiras; e b) línguas irreconhecíveis.

A primeira hipótese se fundamenta no fato de que naquela ocasião havia indivíduos que estavam em Jerusalém vindos de diversas nações, ou seja, ali estava uma multidão poliglota (At 2.5). E eles passaram a ouvir a mensagem em sua respectiva língua (At 2.6-12). Além disso, o termo grego utilizado nos versos 6 e 8 a essas línguas é *διάλεκτος*,²⁸ que refere-se a idiomas²⁹. Assim, para os adeptos desse entendimento, o milagre descrito seria dos discípulos falarem línguas estrangeiras que ainda não haviam aprendido.³⁰

Já a outra vertente sustenta que o dom de línguas está associado a línguas irreconhecíveis sob o prisma humano, tendo em vista que 1 Coríntios 12 e 14 (passagens que tratam sobre o dom de línguas) indicam que essas línguas não são inteligíveis aos seres humanos (1 Co 14.2), e, portanto, necessitam de interpretação (1 Co 14.5, 13 e 27-28). Inclusive o substantivo grego utilizado em Atos 2.3-4 e 11 é o mesmo utilizado em 1 Coríntios 12.10, 28 e 30; 14.2, 4-6, 9, 13-14, 18-19, 22-23, 26-27 e 39: *γλώσσα*³¹. Então, eles defendem que o milagre descrito em Atos 2 abrangeria tanto a fala como a audição. Em outras palavras, segundo esse ponto de vista, os discípulos falaram em línguas ininteligíveis (a dimensão do falar) e o Espírito fez com que as pessoas que ali estavam entendessem em sua própria língua (a dimensão da audição).³²

²⁷ HOEFELMANN, **Atos 2.1-21**: auxílio homilético.

²⁸ O texto em grego é de NESTLE, E. & ALAND, K. . **Novum Testamentum Graece**. 28. revidierte Aufl. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2004. Disponível em <<http://www.nestle-aland.com/en/read-na28-online/>>

²⁹ TAYLOR, William Carey. **Dicionário do Novo Testamento Grego**: Vocabulário Grego – Português. 6ª ed. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1980.

³⁰ LOPES, Hernandes Dias. **Atos**: a ação do Espírito Santo na vida da igreja. São Paulo: Hagnos, 2012, p. 56.

³¹ O texto em grego é de NESTLE, 2004. Disponível em <<http://www.nestle-aland.com/en/read-na28-online/>>

³² STOTT, John. **A mensagem de Atos**: até os confins da Terra. 2. ed. São Paulo: ABU Editora, 2020, p. 71.

Independentemente do posicionamento adotado sobre a natureza dessas línguas, é inegável que a intenção desse acontecimento é proclamar a universalidade do Evangelho, que rompe com as barreiras de nacionalidade, cultura e afins, revelando a característica multirracial, multinacional e multilíngue do Reino de Cristo.³³

A discussão sobre a natureza da *glossalalia* não deve desviar nossa atenção do entendimento de Lucas sobre o seu significado no dia Pentecostes. Ela simbolizou uma nova união no Espírito, transcendendo barreiras raciais, nacionais e linguísticas.³⁴

É interessante notar que o relatado nessa perícopes é o oposto do ocorrido em Babel (Gn 11.1-9). Enquanto em Babel houve confusão, dispersão, rebeldia, a busca por enaltecer o próprio nome e a tentativa de subir aos céus, em Pentecoste houve entendimento, reunião, obediência, anúncio das grandezas de Deus e o céu desceu.³⁵

Explicando o fenômeno extraordinário dos crentes cheios do Espírito Santo, o apóstolo Pedro utiliza o texto de Joel 2.28-32, indicando que o ocorrido seria o cumprimento da profecia de Joel de que Deus derramaria o seu Espírito sobre toda carne (At 2.16-21). Assim, identifica-se que uma das formas de como a igreja primitiva interpretava a Sagrada Escritura era a partir de uma perspectiva de cumprimento de promessa.

Em outras palavras, a passagem que integrava a Bíblia da igreja primitiva (o Antigo Testamento), foi interpretada à luz do seu cumprimento.³⁶ “A interpretação do Antigo Testamento acontecia na primeira cristandade essencialmente pelo esquema ‘profecia-cumprimento.’”³⁷

2.2.2.2 O evento da ressurreição e exaltação de Cristo

Ainda em sua prédica, o apóstolo Pedro trata sobre a ressurreição e exaltação de Jesus, utilizando duas passagens do livro de Salmos. Em relação ao primeiro evento (a ressurreição), ele indica o Salmo 16.8-11, relatando que Davi

³³ STOTT, 2020, p. 72.

³⁴ STOTT, 2020, p. 71.

³⁵ LOPES, 2012, p. 55.

³⁶ STOTT, 2020, p. 77.

³⁷ BRAKEMEIER, 2003, p. 71-72.

nessa passagem, na verdade estava fazendo referência à ressurreição de Cristo (At 2.31), já que Davi morreu, foi sepultado, permanecendo os seus restos mortais no túmulo (At 2.29). Em seguida, Pedro cita a passagem do Salmo 110.1, para abordar a exaltação de Jesus como Senhor e Cristo (At 2.36).

A partir da explanação do apóstolo Pedro sobre essas passagens, é possível identificar que a igreja primitiva interpretava o Antigo Testamento à luz da pessoa e da obra de Cristo.³⁸ Pierre Gilbert, ao tratar sobre essa perspectiva, refere-se ao sentido propriamente crístico da Escritura.³⁹ Jacques Dupont classificou tal prática como “o caráter cristológico radical da exegese cristã primitiva.”⁴⁰

“Pensavam os primeiros cristãos que o Antigo Testamento não se esgotava em seu sentido literal. Pensavam que lendo o livro a partir de Jesus, chegariam a uma compreensão mais profunda. Ele falaria, então, de Jesus Cristo.”⁴¹

Tanto na perspectiva profecia-cumprimento, utilizado na abordagem sobre o texto de Joel, como na perspectiva crística aplicada às passagens de Salmos, em Atos 2 identifica-se o uso do método interpretativo tipológico. O tipo é a apresentação antecipada daquilo que ainda está por ocorrer, ou seja, é a prefiguração de um personagem/figura/evento que virá.⁴²

“Na interpretação tipológica, o Antigo Testamento e os sucessos nele narrados são vistos como exemplos do que vai se cumprir. A tipologia quis ser interpretação histórica salvífica: a história tem seu cumprimento em Jesus Cristo.”⁴³

Em outras palavras, os textos do Antigo Testamento seriam o tipo/prefiguração, enquanto antítipo/cumprimento seria um fato/evento ocorrido após o Antigo Testamento, em especial a pessoa e obra de Jesus.

Resumindo, a partir da explanação do apóstolo Pedro em Atos 2 sobre os textos do Antigo Testamento, constata-se que a igreja primitiva, ao interpretar a Sagrada Escritura, utilizava o método tipológico.

Ainda sobre o discurso do apóstolo Pedro, visualiza-se que ele não pregou para agradar nem entreter as pessoas que ali estavam, muito pelo contrário, sendo fiel à mensagem do Evangelho, ele confronta os ouvintes, indicando a culpa deles (At 2.23) e proclamando a necessidade de arrependimento (At 2.38). Vale dizer que

³⁸ YOUNGBLOOD, p. 215.

³⁹ GILBERT, Pierre. **Pequena história da exegese bíblica**. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 72.

⁴⁰ DUPONT, Dom Jacques apud STOTT, 2020, p. 77.

⁴¹ DREHER. 2013, p. 8.

⁴² GILBERT, 1995, p. 80-81.

⁴³ DREHER. 2013, p. 8-9.

as diversas citações de textos do Antigo Testamento revelam que o conteúdo da sua proclamação estava fundamentado na Sagrada Escritura.

2.3 A ESCRITURA SAGRADA E O MODO DE VIVER DOS PRIMEIROS CRISTÃOS (AT 2.42-47)

O autor de Atos mostra na sequência que a comunidade primitiva não apenas interpretava a Escritura, mas que essa interpretação redundava em transformação e novo estilo de vida. Atos 2.42 ocupa um relevante espaço nesse contexto, tendo em vista que nele se encontram os fundamentos que norteavam o estilo de vida da igreja primitiva, dentre eles a Sagrada Escritura. Além disso, tal verso inicia a secção temática que trata sobre o modo de viver dos convertidos (2.42-47). Trecho semelhante, aliás, se repete em Atos 4.32-25, com forte ênfase na comunhão de bens praticada na comunidade. Quanto ao primeiro relato, os versículos que sucedem o versículo 42 representam um desaguar dos valores indicados no citado verso. Vale dizer que esta secção temática encerra o primeiro bloco do livro de Atos, que tratava sobre o poder da igreja (1.1-2.47). Pelos motivos expostos, é razoável que se faça uma análise mais detalhada desse versículo, refletindo sobre o texto na língua grega, as versões de tradução, a crítica textual e os vocábulos nele escritos.

2.3.1 Comparação de versões bíblicas

2.3.1.1 Texto⁴⁴

⁴² Ἦσαν δὲ προσκαρτεροῦντες τῇ διδασκίᾳ τῶν ἀποστόλων καὶ τῇ κοινωνίᾳ, τῇ κλάσει τοῦ ἄρτου καὶ ταῖς προσευχαῖς.

2.3.1.2 Tradução:

42 – E estavam perseverando na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações.

⁴⁴ O texto em grego é de NESTLE, 2004. Disponível em <<http://www.nestle-aland.com/en/read-na28-online/>>

2.3.1.3 Versões:

Bíblia de Jerusalém ⁴⁵ :	Bíblia em Linguagem Contemporânea ⁴⁶ :	Bíblia Mensagem de Deus – Edições Loyola ⁴⁷ :	Almeida Revista e Atualizada ⁴⁸ :	Nova Versão Internacional ⁴⁹ :
42- Eles mostravam-se assíduos ao ensinamento dos apóstolos, à comunhão fraterna, à fração do pão e às orações.	42 – Elas passaram a seguir o ensino dos apóstolos, a vida em comunidade, a refeição comunitária e a prática da oração.	4 2 - Eles permaneciam constantes no ensino dos apóstolos, na comunhão fraterna, na cerimônia do partir do pão e nas orações.	42 - E perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações.	42- Eles se dedicavam ao ensino dos apóstolos e à comunhão, ao partir do pão e às orações.

2.3.1.4 Comparação de traduções

2.3.1.4.1 Omissão:

Salvo a Versão Almeida Revista e Atualizada, as demais traduções analisadas omitem a conjunção $\delta\acute{\epsilon}$, que pode ser traduzida nesse contexto por “e”⁵⁰.

⁴⁵ A Bíblia de Jerusalém. Nova edição, revista. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

⁴⁶ A Mensagem: Bíblia em Linguagem Contemporânea. São Paulo: Editora Vida, 2011.

⁴⁷ Bíblia Mensagem de Deus. São Paulo: Edições Loyola, 1983.

⁴⁸ Bíblia de Estudo Almeida. Edição revista e atualizada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

⁴⁹ Bíblia do Ministro com concordância. Nova Versão Internacional. São Paulo: Editora Vida, 2002.

⁵⁰ TAYLOR, 1980.

Todas as versões apreciadas omitem o verbo ἦσαν, que pode ser traduzido por *estavam*, já que diz respeito ao verbo εἶμι (ser/estar⁵¹) na terceira pessoa do plural, no tempo imperfeito, no modo indicativo e na voz ativa.

2.3.1.4.2 Acréscimo

Salvo a Versão Almeida Revista e Atualizada, as demais analisadas, acrescentam o pronome pessoal da 3ª pessoa do plural (eles/elas), entretanto tal acréscimo se justifica, na medida em que está implícito no texto grego, através do verbo: ἦσαν que está conjugado na 3ª pessoa do plural. Vale dizer que somente a versão da Bíblia em Linguagem Contemporânea, utilizou o gênero feminino (elas), todavia, tendo em vista que o verbo principal προσκατεροῦντες, está conjugado no masculino, o mais harmônico para esse acréscimo seria o pronome no gênero masculino (eles) como as outras versões fizeram; todavia essa opção não gera maiores prejuízos, considerando que o texto aborda a maneira de viver dos convertidos, de um modo geral, sem fazer qualquer distinção de gênero e a mencionada versão utilizou o pronome feminino (elas) se referindo ao termo pessoas.

As versões: Bíblia de Jerusalém e Bíblia Mensagem de Deus, acrescentaram o adjetivo “fraterna” ao substantivo κοινωνία, algo inexistente no texto grego.

A Versão da Bíblia Mensagem de Deus adiciona o termo “constante”, reforçando o sentido do verbo: προσκατεροῦντες (persistindo/perseverando⁵²). Além de acrescentar o termo “cerimônia” em sua tradução ao tratar sobre a expressão: τῆ κλάσει τοῦ ἄρτου.

A versão da Bíblia em Linguagem Contemporânea, acrescenta o termo “prática” ao abordar o substantivo plural προσευχᾶς (orações⁵³).

2.3.1.4.3 Modificação

A versão Bíblia Linguagem Contemporânea traduziu o verbo προσκατεροῦντες, como “passaram a seguir”, o que altera, de certa forma, o

⁵¹ TAYLOR, 1980.

⁵² TAYLOR, 1980.

⁵³ TAYLOR, 1980.

significado do termo grego, que está relacionado à ideia de perseverança⁵⁴. Johannes Louw e Eugene Nida sugerem que o sentido do termo seja “continuar fazendo algo com grande empenho, com a possível implicação de que é feito apesar de dificuldades.”⁵⁵

Em relação ao mencionado termo grego, a Nova Versão Internacional, também comete esse vício de modificar o significado, ao traduzir utilizando a palavra *dedicavam*, assim, excluindo ou pelo menos esvaziando o sentido de continuidade/constância presente na língua original, já que a dedicação pode ser algo momentâneo.

2.3.1.4.4 Interpretação

A Bíblia Linguagem Contemporânea realiza algo mais evasivo, ao traduzir a expressão τῆ κλάσει τοῦ ἄρτου (partir do pão⁵⁶) como “refeição comunitária”. Vincular “partir do pão” à “refeição comunitária”, por mais que se possa chegar a essa conclusão através do conhecimento do contexto social da época, extrapola a atividade de tradução e adentra na questão hermenêutica. É possível entender a opção selecionada, pelo fato de que a versão em questão adota a perspectiva da tradução conforme o princípio da equivalência dinâmica.

Ante o exposto é possível constatar que a versão da Almeida Revista e Atualizada, dentre as que foram comparadas, é a que melhor observa o princípio da tradução da equivalência formal.

2.3.2 Aparato crítico

O aparato crítico da edição de número 28 do *Novum Testamentum Graece* de Nestle/Aland apresenta duas variantes para Atos 2.42, sendo ambas inclusões.

⁵⁴ TAYLOR, 1980.

⁵⁵ LOUW, Johannes; NIDA, Eugene. **Léxico Grego-português do Novo Testamento baseado e dominios semânticos**. Barueri: Sociedade Bíblica do Barsil, 2013, p. 590.

⁵⁶ TAYLOR, 1980.

2.3.2.1 Primeira variante: *εν Ιερουσαλημ*

A primeira variante é o acréscimo da expressão *εν Ιερουσαλημ* (em Jerusalém), logo após o termo *ἀποστόλων*. Essa inclusão está: no uncial D (Texto Ocidental), manuscrito latino t e em uma versão da Vulgata. Sendo que o citado manuscrito latino e tal versão da Vulgata, apresentam pequenas divergências ou alterações em relação à variante em apreço.

Com essa adição, o versículo poderia ser traduzido da seguinte forma: E estavam perseverando na doutrina dos apóstolos em Jerusalém e na comunhão, na fração do pão e nas orações.

Certamente esse acréscimo diz respeito a uma alteração voluntária, tendo em vista que ele visa trazer detalhes geográficos.

O aparato pressupõe que todos os demais manuscritos e versões não apresentam essa inclusão.

Assim, considerando que os textos, majoritariamente, não têm essa inclusão (evidência externa) e que a ausência dessa informação geográfica torna o texto mais simples e breve (evidência interna), deve ser preferida a sugestão do aparato.

2.3.2.2 Segunda variante: *και*

A segunda variante é a adição da conjunção: *καὶ*(e), antes da expressão: *τῆ κλάσει τοῦ ἄρτου* (no partir do pão). Essa inclusão está nas unciais: *κ* (texto alexandrino), *D* (texto ocidental), *E* (texto ocidental), *Ψ* (texto alexandrino); nas minúsculas: 33 (texto alexandrino), 323, 614, 945, 1175, 1241 (texto alexandrino), 1505, 1739; pelo texto majoritário e todos os manuscritos da versão siríaca. Sendo que os textos unciais *κ* e *D*, que apoiam essa adição, tiveram diferentes corretores. Ressalta-se, ainda, que o minúsculo 323, que testemunha a favor de tal inclusão, tiveram leituras acrescidas secundariamente.

Com essa adição o versículo poderia ser traduzido da seguinte forma: E estavam perseverando na doutrina dos apóstolos e na comunhão, e na fração do pão e nas orações.

Possivelmente, esse acréscimo está relacionado a uma alteração voluntária, já que ele visa harmonizar o texto, na medida mantém a sequência, presente no

versículo, de ter a conjunção καὶ(e), antecedendo as expressões dativas (καὶ τῆ κοινωνίᾳ; καὶ ταῖς προσευχαίς). Inclusive, a expressão dativa τῆ κλάσει (que a segunda variante indica a presença da conjunção a antecedendo), se localiza entre as duas outras expressões dativas, já mencionadas.

A não inclusão conta com o apoio das unciais: κ (texto alexandrino), A (texto alexandrino), B (texto alexandrino), C (texto alexandrino), D (texto ocidental); minúsculo 81, manuscritos latinos antigos e a Vulgata. Sendo que os manuscritos unciais κ e D, considerados mais importantes, testemunham a favor dessa não adição.

O Texto Alexandrino é apontado como o mais fiel aos escritos originais, e ele encontra sua melhor expressão nos manuscritos unciais: κ e B⁵⁷, e ambos apoiam o não acréscimo da conjunção em questão. Destacando, que os textos apontados como mais importantes da uncial κ, testemunham nesse sentido. Além disso, os manuscritos mais relevantes da uncial D, também legitima essa opção. Logo, uma análise com base na evidência externa, revela que a sugestão do aparato é razoável.

Um estudo dos critérios internos também demonstra esse resultado, tendo em vista que a ausência da conjunção torna o texto mais breve, simples, rudimentar e menos harmônico.

Resumindo, com fulcro nas evidências externas e internas, se constata que a opção sugerida pelo aparato deve ser seguida.

2.3.3 Análise do vocabulário

Com base em uma análise temática e gramatical de Atos 2.42, considerando os complementos do verbo προσκαρτεροῦντες (perseverando⁵⁸), é possível identificar em tal verso quatro palavras-chaves, quais sejam: i) τῆ διδασχῆ τῶν ἀποστόλων (na doutrina dos apóstolos⁵⁹); ii) τῆ κοινωνία (na comunhão⁶⁰); iii) τῆ κλάσει τοῦ ἄρτου (no partir do pão⁶¹); e iv) ταῖς προσευχαίς (nas orações⁶²).

⁵⁷ WEGNER, Uwe. **Exegese do Novo Testamento**: manual de metodologia. São Leopoldo: Sinodal, 1998, p. 42.

⁵⁸ TAYLOR, 1980.

⁵⁹ TAYLOR, 1980.

⁶⁰ TAYLOR, 1980.

⁶¹ TAYLOR, 1980.

⁶² TAYLOR, 1980.

Este verso demonstra que o estilo de vida da igreja primitiva se fundamentava no fato de que a comunidade perseverava: a) na doutrina dos apóstolos; b) na comunhão; c) no partir do pão e d) nas orações.

O próprio significado do verbo προσκαρτερέω (perseverar), bem como o fato dele, no verso, estar no particípio προσκαρτεροῦντες (perseverando), demonstra que a ação relacionada aos citados valores era algo contínuo. Em outras palavras, o modo de viver dos primeiros cristãos, que envolvia a doutrina dos apóstolos, a comunhão, o partir do pão e as orações, não era praticada apenas de forma esporádica ou momentânea.

A doutrina dos apóstolos foi o começo da formação de um corpo cristão de doutrinas, alicerçada no Antigo Testamento (a Bíblia da época) associado à pessoa, obra e ensinamentos do próprio Senhor Jesus⁶³, conforme haviam sido preservados pelos apóstolos, a partir de suas memórias e talvez também com base em documentos escritos primitivos, além das tradições orais fixas.⁶⁴ Assim, nota-se que a Sagrada Escritura tinha um papel de destaque entre os primeiros cristãos.

Outro valor desse modo de viver da igreja primitiva era a comunhão. Essa comunhão não se limitava à familiaridade de pensamento/crença ou apenas de palavras. Tal unidade era evidenciada de forma prática, através de atitudes, dentre elas a partilha comunal de bens, como afirmado na sequência (At 2.44-45 e no outro sumário de At 4.32-35), o que permitia o suprimento daqueles que se encontravam em situação de necessidade/vulnerabilidade. O termo κοινωνία (comunhão) é encontrado, por exemplo, em 1 Coríntios 1.9, 10.16 e 2 Coríntios 9.13. Esses textos trazem a ideia de comunhão como um profundo relacionamento, ao ponto de utilizar essa palavra em relação ao vínculo com Jesus (1Co 1.9 e 1 Co 10.16). A partir de 2 Coríntios 9.13, é possível constatar que a comunhão envolve a cooperação com a necessidade do próximo. A verdadeira comunhão abarca uma identificação e preocupação com o problema do outro integrante da comunidade, como visto na realidade descrita no texto.

A expressão κλάσει τοῦ ἄρτου (partir do pão) é utilizada em Lucas 24.35, no sentido de uma refeição comunitária. No âmbito da igreja primitiva, essa cerimonia

⁶³ BRAKEMEIER, 2003, p. 71.

⁶⁴ CHAMPLIN, 1983, p. 70-71.

estava associada à forma primitiva da Ceia do Senhor, que vinculava os seguidores de Cristo uns com os outros, trazendo à memória o sacrifício de Cristo.⁶⁵

Por fim, o último alicerce que embasava o modo de viver revolucionário da igreja primitiva, identificado em Atos 2.42, faz referência à prática da oração. Provavelmente, os cristãos primitivos observavam períodos estritos para suas orações diárias, conforme estavam acostumados a fazer os judeus devotos. Três vezes por dia (às nove, ao meio-dia e às seis horas da tarde, ou algum tempo durante essas divisões), havia tipos especiais de oração e devoção de tipo litúrgica. Porém, além do tipo litúrgico, a prática da oração entre os primeiros cristãos também ocorria de forma não litúrgica, no templo e nos lares particulares dos membros da igreja.⁶⁶ A palavra προσευχαίς (orações) é vista também em Atos 1.14; 3.1 e 6.4. Essas passagens revelam a oração como um momento de comunicação com Deus.

2.3.4 O papel central da Escritura Sagrada e o seu reflexo no modo de viver

A partir de Atos 2.42 verifica-se que a Sagrada Escritura tinha um papel central na igreja primitiva e que isso se refletia em seu estilo vida. O texto sacro orientava a vida da primeira cristandade.⁶⁷

Essa centralidade da Escritura pode ser comprovada através dos seguintes elementos: a) A Sagrada Escritura era o conteúdo principal da mensagem; b) A Sagrada Escritura era reproduzida em atitudes; c) A Sagrada Escritura afetava, integralmente, a vida; d) A Sagrada Escritura era vivida cotidianamente.

O elemento principal da pregação da igreja primitiva era a Sagrada Escritura. As diversas citações de textos do Antigo Testamento (At 2.16-21, 25-28 e 34-35), feitas pelo Apóstolo Pedro, atestam essa verdade. O sermão de Pedro foi cristocêntrico.⁶⁸ O assunto da mensagem poderosa propagada era a Bíblia.

Todavia, a Escritura Sagrada não se limitava a um discurso ou a mero conhecimento teórico, mas era materializada na prática. Não havia dicotomia entre a teoria e conduta. “A igreja de Jerusalém conjugava doutrina e vida, credo e conduta, palavra e poder, qualidade e quantidade.”⁶⁹ Os versos seguintes ao 42 demonstram

⁶⁵ CHAMPLIN, 1983, p. 71.

⁶⁶ CHAMPLIN, 1983, p. 72.

⁶⁷ BRAKEMEIER, 2003, p. 71-72.

⁶⁸ STOTT, 2020, p. 86.

⁶⁹ LOPES, 2012, p. 55.

essa realidade: a Bíblia os impulsionava ao temor ao Senhor (At 2.43), ao cuidado com o próximo (At 2.44-45), à comunhão (At 2.46), recebendo em consequência a simpatia da sociedade ao redor (At 2.47). O texto sacro era tão importante para igreja primitiva, que ela buscava vivê-lo intensamente. Ela pregava aos ouvidos (através de palavras) como também aos olhos (através de atitudes).⁷⁰ Ela pregava o que vivia e vivia o que pregava.

Essa busca por viver a Sagrada Escritura abrangia todos os aspectos da vida. Em outras palavras, a mensagem bíblica não estava restrita a uma cerimônia religiosa ou ao cumprimento de uma formalidade/rito/obrigação religiosa, mas impactava todas as dimensões do modo de viver. Exemplos disso encontram-se no verso 45, em que é visto a influência da Escritura na própria administração financeira, e no versículo 46, em que é contemplado tal influência na gerência do tempo.

A expressão καθ' ἡμέραν (v.46 e 47),⁷¹ composta pela preposição κατά associada ao substantivo ἡμέρα (dia⁷²), que pode ser traduzida como diariamente, revela que essa busca por viver, de forma integral, a Sagrada Escritura era feita cotidianamente, não se limitando a um dia específico.

O sincero apreço pela Sagrada Escritura por parte dos primeiros cristãos, externado em seu modo de viver, teve como consequência um avassalador impacto na sociedade em que ela estava inserida. O versículo 47 relata que além de contar com a simpatia do povo, diariamente, pessoas eram alcançadas. O estilo de vida deles era irresistível. Em outras palavras, a poderosa mensagem da Bíblia era anunciada e vivida pela igreja primitiva, o que ocasionou uma transformação na sociedade, ou seja, tal comunidade religiosa fazia diferença no contexto em que estava inserida.

A igreja de Jerusalém produziu impacto na sociedade por causa de seu estilo de vida. Era uma igreja comprometida com a verdade, mas não legalista; era uma igreja santa, mas não farisaica [...] Os crentes eram alegres, festivos, íntegros. Eles contagiavam. O estilo de vida da igreja impactava a sociedade: melhores maridos, esposas, filhos, pais, estudantes, profissionais. O resultado da qualidade é quantidade. Deus mesmo acrescentava a essa igreja, dia a dia, os que iam sendo salvos.⁷³

⁷⁰ LOPES, 2012, p. 55.

⁷¹ O texto em grego é de NESTLE, 2004. Disponível em <<http://www.nestle-aland.com/en/read-na28-online/>>

⁷² TAYLOR, 1980.

⁷³ LOPES, 2012, p. 55.

Em suma, a igreja primitiva valorizou tanto a Sagrada Escritura, que a anunciava e buscava vivê-la de forma integral e cotidiana. Logo, está claro que o texto sacro ocupava um espaço de centralidade em tal comunidade religiosa, sendo isso refletido no seu modo de viver. E essa importância atribuída fez com que os primeiros cristãos exercessem um relevante papel na sociedade, tornando-se eles agentes transformadores do meio em que viviam.

3 A IMPORTÂNCIA DA ESCRITURA SAGRADA PARA IGREJA EVANGÉLICA CONTEMPORÂNEA

No capítulo anterior foi visto como a igreja primitiva valorizava a Escritura Sagrada, atribuindo um valor de centralidade, tendo isso repercussão no seu próprio modo de viver e impactando a sociedade da época, sendo instrumento de transformação social, moral e espiritual. Agora, nesta secção, se verificará como a igreja contemporânea tem tratado a Bíblia, qual o espaço que a Sagrada Escritura tem ocupado em sua hierarquia de valores. Posteriormente será feito uma análise comparativa entre o juízo de valor atribuído, tendo como parâmetro a igreja primitiva.

A título de esclarecimento, nesta pesquisa, no que tange à igreja evangélica contemporânea, será considerado como texto sacro os 66 livros⁷⁴ (39 do Antigo Testamento e 27 do Novo Testamento) indicados na Bíblia utilizada pelos protestantes.

Vale reiterar que ao fazer referência à igreja evangélica contemporânea, não se tem a pretensão de discorrer sobre a igreja organizacional, nem sobre uma determinada denominação. Faz-se referência à igreja como organismo em uma visão geral e que conseqüentemente possui exceções a realidade apresentada.

A *priori*, o modo de valorizar a Escritura Sagrada da igreja evangélica contemporânea deveria ser semelhante ao da igreja primitiva, já que Lucas apresenta esta última como um paradigma a ser seguido. A grande questão é saber se esse exemplo tem sido observado ou se os evangélicos têm se desviado do modelo deixado. E é exatamente isto que será abordado.

3.1 A REALIDADE CONTEMPORÂNEA

Para compreender melhor o papel que a Bíblia possui para a igreja evangélica, é importante refletir sobre da realidade em que a igreja está inserida, tendo em vista que esse contexto tem influenciado o modo de enxergar a própria Bíblia. É possível apontar algumas características da sociedade contemporânea, que inclusive estão relacionadas entre si: pluralização, horizontalização,

⁷⁴ BRAKEMEIER, 2003, p. 7.

antropocentrismo, subjetivismo, materialismo, sincretismo e a restringibilidade da religião. Essa conjuntura propicia o surgimento do concorrido mercado religioso.

Vale esclarecer que ao se apontar tais características, não se pretende, a princípio, atribuir um juízo de valor negativo ou positivo, mas apenas reconhecer atributos da sociedade contemporânea.

3.1.1 A pluralização

Uma das marcas características da atual sociedade é a pluralidade.⁷⁵ A diversidade de opções está presente tanto nas questões mais simples, como na compra de um produto no supermercado, como também em aspectos mais complexos, como na escolha de uma religião. Vale esclarecer que a pluralidade, a princípio, não é algo prejudicial.

A pluralização pode ser definida como um processo por meio do qual o número de opções se multiplica exponencialmente em todas as esferas da vida, em especial também no âmbito da visão de mundo e das ideologias.⁷⁶

A pluralidade não apenas é incentivado⁷⁷ como exigido pelo indivíduo contemporâneo. A falta de alternativas gera indignação e revolta. Assim, absolutos, afirmações categóricas, os axiomas, ideias de exclusividades e afins, são evitados e reprimidos.⁷⁸

3.1.2 A horizontalização

Associada à pluralização, tem-se a horizontalização. Diferentemente da compreensão utilizado no âmbito empresarial, nesta pesquisa se utiliza a horizontalização como a atribuição de valor igualitário em relação às diversas opções. Em outras palavras, é conferido o mesmo peso às alternativas apresentadas, sem a formação de hierarquia. Concepções de superioridade ou de exclusividade devem ser afastadas.⁷⁹ Aprioristicamente, uma alternativa não é

⁷⁵ AMORESE, Rubem Martins. **Icabode**: da mente de Cristo à consciência moderna. Viçosa: Ultimato, 1998, p. 48.

⁷⁶ CARSON, Donald A. **O Deus amordaçado**: o cristianismo confronta o pluralismo. São Paulo: Shedd Publicações, 2013, p. 18.

⁷⁷ CARSON, 2013, p. 18.

⁷⁸ AMORESE, 1998, p. 49 e 51.

⁷⁹ CARSON, 2013, p. 19.

melhor que outra. O que há são milhares de opções de igual valor, que o indivíduo deverá escolher.⁸⁰

3.1.3 O antropocentrismo

Diante das inúmeras possibilidades de escolha (traço que caracteriza a sociedade contemporânea), a consciência de eleição tem se fundamentada no antropocentrismo. A própria compreensão de mundo, bem como o modo de se viver está subordinada a uma posição de centralidade que se atribui ao ser humano. O objetivo é a autorrealização. O foco é o “eu”.⁸¹

Em um contexto de pluralidade, em que as opções estão num mesmo patamar e em que o ser humano ocupa um espaço de centralidade, o prazer e a satisfação passam a ser, simultaneamente, um propósito almejado e um critério de validade na eleição das alternativas. Logo, em regra, o que se busca no processo decisório não é a observância de um dever ou o reconhecimento de um absoluto, mas sim a autorrealização. A satisfação causada por uma alternativa se revela como uma justificativa razoável pela sua escolha.⁸²

Vale esclarecer que a busca pela autorrealização, *a priori*, não é algo prejudicial, entretanto, a partir do momento que se torna um bem supremo, e na busca desse alvo se é indiferente aos valores éticos e morais, tal objetivo se revela nocivo.

3.1.4 O subjetivismo

Todavia a noção de autorrealização, prazer e satisfação são algo muito peculiar a cada indivíduo. O que satisfaz uma pessoa pode não agradar a outra. Tem-se então uma outra característica da sociedade atual, que é o subjetivismo.⁸³

A partir de uma lógica antropocêntrica, em face de diversas alternativas, a melhor decisão é aquela que gera no indivíduo a sua realização. Entretanto, essa

⁸⁰ AMORESE, p. 50.

⁸¹ CARSON, 2013, p. 41.

⁸² AMORESE, 1998, p. 49.

⁸³ AMORESE, 1998, p. 60-61.

concepção de realização é relativa a preferência de cada um. Assim, as escolhas passam a ser um assunto privado e de cunho pessoal.⁸⁴

Nesta conjuntura, “a verdade é o útil, o prático, e, em consequência, nada é absoluto nem definitivo; tudo depende de uma rede de relações complexas, nada é verdade nem mentira.”⁸⁵ Se busca a verdade por meio de desejos e pensamentos pessoais, tendo então uma apoteose de opiniões e de juízos particulares.⁸⁶ A indicação de verdade objetiva e geral é reprimida.

3.1.5 O materialismo

Até em razão do intenso e reiterado estímulo ao consumismo incidente sobre as pessoas, verifica-se o materialismo como mais uma característica da sociedade atual. O desejo de ter coisas se torna o alvo da existência e o sentido maior da vida. “A riqueza é, sob vários aspectos, a nova religião ocidental.”⁸⁷ A importância do indivíduo é avaliada pelo dinheiro que possui⁸⁸, e em busca dessa valorização a pessoa ostenta o que tem e até o que não tem. O afeto é mensurado pelo valor do presente dado ou recebido.

Como esse desejo pelos bens materiais é insaciável, ele nunca será suficiente. É o interminável ciclo do querer: quanto mais tenho, mais eu quero, quanto mais obtenho, menos eu aprecio.⁸⁹

Assim, na realidade atual, os desejos pessoais e a concepção de realização, muitas vezes, estão relacionados ao materialismo.

3.1.6 O sincretismo

A partir das compreensões que norteiam a sociedade contemporânea de que a verdade é relativa (subjetivismo) e de que as escolhas devem ser feitas visando a própria realização (antropocentrismo), diante da pluralidade religiosa, a decisão neste âmbito, tem sido feita pelo que melhor se ajusta aos valores e padrões

⁸⁴ AMORESE, 1998, p. 61.

⁸⁵ AMORESE, 1998, p. 88.

⁸⁶ AMORESE, 1998, p. 88.

⁸⁷ DUGAN, Patrick. **Contra o sistema mas ainda no mundo**. Belo Horizonte: Editoria Betânia, 2017, p. 48.

⁸⁸ AMORESE, 1998, p. 136.

⁸⁹ DUGAN, 2017, p. 53.

particulares. Por isso o sincretismo passa a ter um valor importante. Sincretismo significa a fusão de um valor de uma religião com a de outra, para que assim o objetivo da satisfação pessoal seja alcançado.⁹⁰

“A religião da modernidade, a religião da nova era, portanto, tende a ser uma religiosidade do tipo salada de frutas.”⁹¹ Tendo em vista que as opções religiosas (pluralidade religiosa) estão em um mesmo patamar (horizontalização), a fé de um indivíduo pode estar fundamentada em diversas fontes religiosas, em decorrência de uma seleção que envolveu princípios de diversas religiões e que teve como critério a sua conveniência.

3.1.7 A restringibilidade da religião

A restringibilidade da religião pode ser definida como o processo através do qual as ideias e as instituições religiosas estão perdendo seu significado social. As ideias são menos significativas e as instituições, menos relevantes.⁹² “Em outras palavras, as instituições e os símbolos religiosos podem sobreviver e até mesmo vicejar, mas a influência deles na cultura como um todo está diminuindo progressivamente.”⁹³

Os conselhos da igreja sobre temas atuais da vida já não são tão considerados. O conhecimento fundamentado na religião é associado à ignorância, e a mensagem bíblica é vista como algo arcaico e ultrapassado, com pouca aplicabilidade para o cotidiano.

Assim, o sagrado se restringe a um espaço acessório, não devendo interferir no dia a dia das pessoas, muito menos gerar qualquer incômodo ou confronto em relação ao modo de pensar e agir do indivíduo. Ele deve ser acionado apenas para prestar conforto espiritual e alívio nos momentos de tensões da vida. Então, a igreja tende a se tornar irrelevante, e sua mensagem, implausível.⁹⁴

⁹⁰ CARSON, 2013, p. 15.

⁹¹ AMORESE, 1998, p. 69.

⁹² AMORESE, 1998, p. 66.

⁹³ CARSON, 2013, p. 37.

⁹⁴ AMORESE, 1998, p. 70.

3.1.8 O mercado religioso

Examinando a sociedade contemporânea, visualiza-se a existência do mercado religioso. A pluralização, a horizontalização, o antropocentrismo, o subjetivismo, o materialismo e o sincretismo religioso possibilitam a sua constituição. A compreensão de mercado alcançou o âmbito religioso e assim a religião passa a ser vista como um produto, em que as pessoas podem escolher aquele que for mais atrativo.

Agora, numa sociedade moderna, o Cristianismo se transformou em uma entre muitas opções religiosas [...] Ora, diante da diversidade de ofertas, qual é o processo de escolha? Escolho a religião como quem escolhe massa de tomates numa prateleira: a que mais me agrada. E a que mais me agrada é aquela que melhor se ajusta aos meus próprios e particulares valores e padrões.⁹⁵

Os fiéis passam a ser tratados como consumidores/clientes, a igreja e seus líderes, como fornecedores. Assim a lógica que impera no mercado, em especial a lei da oferta e procura⁹⁶, vai sendo aplicada. Então se busca agradar os consumidores para alcançar o sucesso (lucro financeiro). Logo, a igreja vai se assemelhar a um empreendimento consumista⁹⁷, com o emprego dos respectivos princípios comerciais. O objetivo principal é o êxito sob o prisma mercantil. O sucesso é aferido pela quantidade de seguidores e por seu aporte financeiro.

Hoje, infelizmente, o evangelho dá as mãos ao misticismo. Vende-se a fé e comercializa-se o sagrado. Pregadores inescrupulosos desengavetam as indulgências da Idade Média e transformam o evangelho num produto, o púlpito num balcão, o templo numa praça de negócios, e os crentes em consumidores.⁹⁸

A pluralidade religiosa revela que nesse mercado há uma intensa concorrência (pluralização). Então é importante cobrir as ofertas da concorrência para não perder o cliente. A horizontalização demonstra que as religiões estão em um mesmo patamar (ou prateleira). O antropocentrismo indica que a religião ofertada deve se revelar atrativa. E para ser atrativa, tem que buscar,

⁹⁵ AMORESE, 1998, p. 70.

⁹⁶ BRAKEMEIER, 2003, p. 84.

⁹⁷ PETERSON. Eugene H. **O caminho de Jesus e os atalhos da igreja**. São Paulo: Mundo Cristão, 2009, p. 16.

⁹⁸ LOPES, 2012, p. 175.

prioritariamente, satisfazer os desejos dos consumidores, ainda mais que o freguês sempre tem razão. Então, os clientes podem escolher de acordo com a sua conveniência aquela que for considerada mais agradável (subjetivismo). Normalmente é agradável a proposta que oferecer benefícios materiais (materialismo), podendo inclusive fazer fusões/misturas entre as religiões (sincretismo). Esse concorrido mercado também requer que a religião se limite a atuar no momento em for chamada. Nada de querer ser inconveniente e interferir no modo de viver, dizendo o que fazer ou deixar de fazer. Em outras palavras, a função básica da religião é aliviar as tensões (restringibilidade da religião), até porque o centro da vida não é a divindade, mas o ser humano (antropocentrismo). O sagrado é apenas mais um acessório.

A nova geração não pensa em termos de serviço para a igreja ou para Deus, mas em termos do que pode conseguir; eles comparam as igrejas até encontrar aquela da qual gostam. As próprias igrejas sentem a pressão de responder aos “consumidores” fazendo pesquisas a fim de descobrir o que eles querem.⁹⁹

Resumindo, o concorrido mercado religioso impõe que o produto em relação à fé seja sem um maior compromisso/sacrifício e com uma mensagem agradável (sem confronto). Esse seria o produto ideal. Caso a igreja não faça os ajustes para se amoldar aos anseios dos exigentes consumidores, não tem problema. Não vão faltar fornecedores que atendam essa demanda. Aliás, basta olhar na prateleira, que vai encontrar.

Com a competição acirrada no meio eclesial, se o pastor da minha igreja não oferecer o produto que eu quero, não tem briga, não tem choro, nem nada. Provavelmente, ele nunca vai saber o que aconteceu (vamos ser modernos e preservá-lo desses dissabores, não é mesmo? Afinal, ele está no papel dele...). Mudo de igreja, como quem muda de canal de televisão, ou de marca de pasta de dente [...] Se ele não trabalhar sua “programação eclesial” (para não falar em show dominical), de forma a atender à vontade popular, manifestada nas últimas pesquisas de opinião que a junta diaconal realizou, a igreja se esvazia (são as leis de mercado funcionando). Tudo na mais perfeita ordem e educação. Chega de brigas e bate-boca. Não precisamos mais disso. Cada um oferece o que pode, e a gente escolhe a opção mais adequada às nossas reais necessidades do momento. E olha, os pastores também não são bobos: aos pouquinhos, eles vão se adaptando e se tornando mais sensíveis ao “mercado”, às reais necessidades do consumi... digo, das ovelhas do Senhor.¹⁰⁰

⁹⁹ CARSON, 2013, p. 50.

¹⁰⁰ AMORESE, 1998, p. 106.

A igreja está inserida nessa realidade pluralista, horizontalizada, antropocêntrica, subjetivista, materialista e sincrética. Nela a fé tem uma posição restrita. Essas características propiciam a formação do mercado religioso. Todo esse contexto tem influenciado na desvalorização da Bíblia por parte dos evangélicos na contemporaneidade.

É importante esclarecer que não se pretende absolutizar as afirmações, ao ponto de se defender que todos os evangélicos tratam a Sagrada Escritura dessa forma. É óbvio que há aqueles que a priorizam. Ao constatar esse processo de desvalorização, está se falando de uma tendência.

3.2 A SECUNDARIZAÇÃO DA BÍBLIA POR PARTE DA IGREJA EVANGÉLICA CONTEMPORÂNEA

Na contramão do exemplo deixado pela igreja primitiva, que tinha a Sagrada Escritura como algo principal, os evangélicos não têm dado essa relevância, atribuindo a Bíblia um valor acessório. A secundarização da Escritura, justamente é esse processo de conferir uma menor importância a Bíblia. Tal realidade pode ser constatada nos seguintes fatos: a) o conteúdo principal da mensagem não tem sido o Texto Sacro; b) o analfabetismo bíblico; c) a adulteração da Escritura e d) a dicotomia entre a pregação e a vivência.

3.2.1 O conteúdo principal da mensagem não tem sido a Bíblia

O genuíno conteúdo bíblico não se amolda às imposições do exigente mercado religioso, e, portanto, no intuito de satisfazer os desejos das pessoas, as pregações nas comunidades religiosas têm tido outros fundamentos que não a Bíblia.

A Escritura Sagrada traz temas como pecado, culpa, arrependimento, transformação, a realidade inevitável do sofrimento e afins, que confrontam com os desejos da própria natureza humana. Logo, se o objetivo é, prioritariamente, dar o que os indivíduos querem, tais assuntos precisam ser evitadas.

Hoje muitas igrejas deixaram a Palavra e começaram a pregar as novidades do mercado da fé. Deixaram o evangelho da graça para pregar a prosperidade. Deixaram a mensagem da cruz para pregar os supostos

milagres realizados por supostos homens de Deus. Deixaram de pregar o arrependimento para pregar autoajuda. Deixaram de pregar o novo nascimento para pregar prosperidade financeira. Deixaram de pregar o evangelho para pregar outro evangelho. A igreja anunciava com intrepidez a Palavra, não um engodo de marketing. Hoje, muitas igrejas buscam a psicanálise, as psicologias humanistas e as pesquisas de mercado para saber o que o povo quer ouvir.¹⁰¹

Diante de tanta pressão a que a pessoa da sociedade atual está sujeita, ela almeja que a igreja proclame uma mensagem motivacional, que eleve a sua estima, que gere bem-estar e que até mesmo a faça dar risada. Nesse contexto, o mercado religioso impõe que a prédica não esteja embasada na Bíblia, mas que traga uma mensagem “agradável” associada à autoajuda e ao entretenimento.¹⁰² Consequentemente, tem-se uma pregação antropocêntrica, tanto no seu conteúdo (o fundamento são princípios humanos) como no seu propósito (agradar aos seres humanos).

Muitas pregações hoje destacam a psicologia, o comentário social e a retórica política [...] percebe-se uma tendência no meio evangélico contemporâneo: a distância da pregação bíblica e a retomada no púlpito de uma abordagem pragmática, tópica, centrada na experiência.¹⁰³

Em cenário antropocêntrico, não é mais razoável que se fale sobre pecado e mudança, até porque é preciso respeitar as “verdades” pessoais (subjetivismo). Não é conveniente falar sobre abandonar práticas que gerem algum tipo de prazer nas pessoas. O confronto é algo que precisa ser extremamente evitado. Essa é uma das regras norteadoras imposta pelo mercado religioso. Nada de requerer um maior sacrifício ou compromisso. Assim a pessoa pode até fazer fusão de valores de denominações/religiões distintas (sincretismo). A fé deve ser maleável aos interesses de cada um.

Nos dias de hoje, há entre pastores um desejo tão forte de ver suas igrejas crescerem, que eles estão dispostos até mesmo a abandonar a verdadeira pregação da Palavra de Deus. No lugar dela, há pregação focalizada na “administração da vida”, que se preocupa em mostrar como enfrentar a vida e os desafios que ela tem a oferecer. Este tipo de pregação não confronta

¹⁰¹ LOPES, 2012, p. 106.

¹⁰² SWINDOLL, Charles. **A igreja desviada**: Um chamado urgente para uma nova reforma. São Paulo: Mundo Cristão, 2012, p. 12.

¹⁰³ MACARTHUR JR, JOHN F. **Ministério Pastoral**: alcançando a excelência no ministério cristão. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 1997, p. 264.

os ouvintes com o pecado, e não pode, portanto, trazê-los à fé no Deus que salva dos pecados.¹⁰⁴

A reunião pública apontada como satisfatória não é aquela composta por quebrantamento e/ou choro, mas sim a que é marcada com muita empolgação e risada. Assim, a igreja passa a ser mais parecida com uma casa de espetáculo qualquer¹⁰⁵, inclusive a sua própria estrutura física tem caminhado nesse sentido. “Hoje temos visto muita adesão e pouca conversão. Muito ajuntamento e pouco quebramento. Muito barulho carnal e pouco choro pelo pecado.”¹⁰⁶

O pragmatismo radical da “abordagem amigável” rouba da igreja o seu papel profético. Transforma-a em uma organização popular que recruta seus membros através de oferecer-lhes um ambiente de calor humano e amizade, no qual as pessoas comem, bebem e são entretidas. A igreja acaba funcionando como um clube do que como uma casa de adoração.¹⁰⁷

Caso a igreja não deseje se submeter às imposições do mercado religioso, ela sofrerá a punição capital de uma sociedade de mercado: o não-consumo.¹⁰⁸ Então, para não ter essa sanção, deixa-se a Bíblia de lado e anuncia-se assuntos que sejam agradáveis aos ouvintes.

3.2.2 O analfabetismo bíblico

Outro fato que evidencia a secundarização da Escritura por parte da igreja evangélica contemporânea é o desconhecimento dos seus integrantes sobre a Bíblia.

O instituto Lifeway Research de Nashville, em 2016, fez um estudo que descobriu que apenas 25% (vinte e cinco por cento) dos cristãos americanos disseram ter lido toda a Bíblia pelo menos uma vez. Posteriormente, em 2019, por esse mesmo instituto, foi feita uma pesquisa que demonstrou que apenas 32%

¹⁰⁴ ELLSWORTH, Roger. **Pregue a palavra**. In Amado Timóteo: uma coletânea de cartas ao pastor, org. Tom Ascol. São José dos Campos: Editora Fiel, 2015, p. 232.

¹⁰⁵ CERQUEIRA, Silas Majdalani de. **O amor de Cristo e o amor da igreja evangélica, em relação às pessoas marginalizadas**: uma análise crítica e comparativa entre estes amores. 2012. Monografia (Curso de pós-graduação em Ética, Teologia e Educação) – Escola Superior de Teologia, São Leopoldo.

¹⁰⁶ LOPES, Hernandes Dias. **Romanos**: o evangelho segundo Paulo. São Paulo: Hagnos, 2010, p. 63.

¹⁰⁷ MACARTHUR JR, JOHN F. **Com vergonha do evangelho**: quando a igreja se torna como o mundo. São José dos Campos: Editora Fiel, 1997, p. 91.

¹⁰⁸ AMORESE, 1998, p. 105.

(trinta e dois por cento) das pessoas que frequentam uma igreja protestante regularmente dizem que leem a Bíblia pessoalmente todos os dias.¹⁰⁹

Nessa mesma toada, o Instituto Pró-Livro e Itaú Cultural, verificou que de 2015 a 2019, entre os brasileiros, houve uma redução de 12% (doze por cento) em relação à leitura da Bíblia.¹¹⁰

Curioso é que o Brasil é a terceira nação mais conectada do mundo e o brasileiro comum passa em média 9 (nove) horas e 13 (treze) minutos na internet por dia¹¹¹. Todavia, a partir das pesquisas expostas, de um modo geral, o tempo reservado para a leitura bíblica é ínfimo ou até inexistente. Dados que revelam que a falta de conhecimento da Escritura não é uma questão de indisponibilidade de tempo, mas de prioridade.

As pessoas frequentam as reuniões, cantam as músicas, porém não tem familiaridade com o texto sacro, que é praticamente um universo a ser desbravado. “Está nascendo uma geração que não conhece, não sabe ler, não sabe estudar, não sabe citar a Bíblia [...] nossos crentes já não sabem mais a Bíblia”¹¹² “Em época de analfabetos bíblicos, as histórias podem ser tão remotas aos ouvintes modernos como a história da China antiga.”¹¹³

Vale dizer que, atualmente, até mesmo o frequentar as reuniões não tem favorecido ao avanço em prol do conhecimento bíblico, tendo em vista que as pregações em diversas comunidades têm tido outros fundamentos, que não o bíblico, como visto no tópico anterior. O canto da música evangélica segue a mesma sorte, já que mesmo tendo tal qualificação de gênero, a letra traz um conteúdo focado em outras questões.

Há muito show, muita música, muito louvor, mas pouco ensino bíblico. Nunca os evangélicos louvaram e cantaram tanto a Deus e nunca foram tão analfabetos de Bíblia. Nunca houve tantos

¹⁰⁹ CHAGAS, Tiago. **Estudo revela que poucos fiéis evangélicos leem a Bíblia diariamente.** Disponível em < <https://noticias.gospelmais.com.br/estudo-poucos-evangelicos-leem-biblia-diariamente-118140.html>>. Acesso em 04 de janeiro de 2022

¹¹⁰ BARBOSA, David. **Brasileiros estão lendo menos e Bíblia segue sendo o livro mais lido, aponta pesquisa “Retratos da Leitura”.** Disponível em < <https://oglobo.globo.com/cultura/brasileiros-estao-lendo-menos-biblia-segue-sendo-livro-mais-lido-aponta-pesquisa-retratos-da-leitura-1-24634289>>. Acesso em 04 de janeiro de 2022.

¹¹¹ DUGAN, 2017, p. 28-29.

¹¹² AMORESE, 1998, p. 124 e 126.

¹¹³ ROBINSON, Haddon W. **Pregação bíblica: o desenvolvimento e a entrega de sermões expositivos.** São Paulo: Shedd Publicações, 2002, p. 166.

animadores de auditório e tão poucos pregadores da palavra de Deus.¹¹⁴

Vale esclarecer que não há dano na utilização da música para propagação da mensagem, pelo contrário ela pode ser uma poderosa ferramenta; entretanto o problema está quando a sua letra não está centrado na Palavra, corroborando para a realidade do desconhecimento bíblico.

Mesmo tendo inúmeras facilidades para progredir no aprendizado da Escritura (por exemplo: diversidade de versões, disponibilização da Bíblia por meio digitais, como aplicativos e sites, e divulgação de pesquisas através da internet), o que se constata é o inverso: analfabetismo bíblico.

A própria realidade da sociedade atual influencia nesse resultado. Já que o centro da vida não é a divindade, mas sim o ser humano (antropocentrismo), e como, conseqüentemente, a religião tem tido uma função acessória, sem exigir um maior compromisso (restringibilidade da religião), a pessoa busca a religião para satisfazer seus desejos pessoais, sem que seja necessária uma maior dedicação, como por exemplo estudar a Bíblia. Na hierarquia de prioridades dos evangélicos há muitas outras questões à frente do aprendizado da Escritura.

Uma pesquisa feita pelo editor e jornalista da Abba Pres & Sociedade Bíblica Ibero-America, Oswaldo Paião, com líderes de diversas denominações revelou que cerca de 50% (cinquenta por cento) dos pastores e líderes nunca leram a Bíblia Sagrada por inteiro pelo menos uma vez.¹¹⁵

Ante o exposto, é perceptível que esse analfabetismo tem início na própria liderança, ainda mais que a Bíblia não tem sido o conteúdo principal da sua mensagem, e é replicada nos demais religiosos.

É importante destacar que a falta de sapiência do texto sacro possibilita a ocorrência do engano, de abusos religiosos e tantos outros absurdos praticados em nome da fé. Como muitos desconhecem a Bíblia, o que é dito como mensagem divina é aceita como verdade sem um exame necessário.

¹¹⁴ NICODEMUS, Augustus. **O que estão fazendo com a igreja**: ascensão e queda do movimento evangélico brasileiro. São Paulo: Mundo Cristão, 2008, p. 165.

¹¹⁵ DUGAN, Patrick. **Nove provas de autenticidade cristã**: você possui as marcas que identificam o verdadeiro cristão?. Belo Horizonte: Editoria Betânia, 2012, p. 28.

3.2.3 A adulteração na interpretação da Escritura

Quando a igreja evangélica contemporânea se prostra às imposições do mercado religioso, ela interpreta de modo distorcido o conteúdo da Bíblia, a fim de satisfazer os interesses dos “consumidores”. Inclusive essa distorção possibilita também a ocorrência da interpretação fundamentalista, que é algo prejudicial.

A Escritura Sagrada traz diversos temas que são incompatíveis com esses interesses. Como a lógica do mercado exige que o confronto deva ser evitado, a mensagem bíblica é modificada, de modo que é proclamada apenas o que for “agradável” e “confortável” aos ouvintes, bem como os textos são “interpretados” de acordo com a conveniência.

Assuntos como indissolubilidade do casamento, fidelidade conjugal, o se guardar para o matrimônio, santidade, tomar a cruz, negação do eu, amor ao inimigo, o combate à avareza, como também a tantos outros pecados, estão cada vez mais em extinção. Assim, o indivíduo pode viver da forma como bem entender e compatibilizar isso com a sua fé. A religião é que deve se amoldar aos seus interesses (antropocentrismo).

Essa visão que deixa de lado as doutrinas difíceis e terríveis sobre o pecado, o inferno, o diabo e a redenção, é denominada por C.S Lewis de “cristianismo água com açúcar.”¹¹⁶

Em consonância com esse entendimento, Dietrich Bonhoeffer, disse o seguinte:

A graça barata é a pregação do perdão sem arrependimento do pecador, é o batismo sem disciplina eclesiástica, é a comunhão sem confissão de pecados, é a absolvição sem confissão pessoal. A graça barata é a graça sem discipulado, é a graça sem cruz, é graça sem Jesus Cristo vivo e encarnado. A graça preciosa é o tesouro oculto no campo, pelo qual o ser humano vende feliz tudo que possui; é a pérola preciosa, pela qual o mercador oferece todos os seus bens; é o domínio do reino de Cristo, pelo qual o ser humano arranca o olho que o faz tropeçar; é o chamado de Jesus Cristo, pelo qual o discípulo deixa suas redes para trás e o segue.¹¹⁷

Juan Carlos Ortiz ainda chama essa compreensão de quinto evangelho:

¹¹⁶ LEWIS, C.S. **Cristianismo puro e simples**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017, p. 72.

¹¹⁷ BONHOEFFER, Dietrich. **Discipulado**. São Paulo: Mundo Cristão, 2016, p. 20.

O evangelho do Reino é cristocêntrico. Nos séculos mais recentes, porém, temos ouvido falar de um outro evangelho, um evangelho cujo o centro é o homem, um evangelho humano. É o evangelho da oferta tentadora; o evangelho da venda fácil; o evangelho do negócio vantajoso que ninguém pode recusar [...] Este evangelho moderno é que eu chamo de Quinto Evangelho. Já contamos com o Evangelho Segundo São Mateus, o Evangelho segundo São Marcos, o Evangelho Segundo São Lucas, o Evangelho Segundo São João e também o Evangelho Segundo os Santos Evangélicos.¹¹⁸

O cristianismo água com açúcar/a graça barata/ o quinto evangelho é o produto exigido pelo mercado religioso e que tem sido oferecido por diversas igrejas evangélicas, para que não perca os seus “clientes” e ainda consiga atrair outros.

Sob a forte influência do materialismo (característica da sociedade contemporânea), o “evangelho” tem sido alterado, de modo que a pregação anunciada tem focado, prioritariamente, no dinheiro e nessa efêmera vida.¹¹⁹ As pessoas recorrem á fé com o escopo de alcançar mais. Há um estímulo ao insaciável e egoísta ciclo do querer. A divindade é apenas um instrumento para que esse objetivo seja alcançado. “Vamos a Deus como iríamos ao supermercado, com uma longa lista de coisas a serem compradas. ‘Deus, dê-me isto, isto e isto’”.¹²⁰ Deus passa ser visto como um papai noel e/ou gênio da lâmpada do Aladim¹²¹, em que a sua função é apenas atender os pedidos feitos.

Hoje vemos florescer no mundo outro evangelho (Gl. 1:6,7), um falso evangelho, o evangelho da prosperidade, e não o evangelho da cruz. Esse evangelho promete conforto, e não sacrifício; sucesso, e não renúncia; riqueza na terra, e não bem-aventurança no céu. Esse evangelho coloca o ser humano no centro, em vez de Deus. É antropocêntrico, e não teocêntrico. Nesse evangelho é Deus que está a serviço do homem, e não o homem a serviço de Deus. Nesse evangelho é a vontade do homem que deve ser feita no céu, e não a vontade de Deus que deve ser feita na terra.¹²²

No Ocidente, onde o humanismo domina totalmente o pensamento geral, a tendência é aceitar essa centralização idólatra, mesmo entre os evangélicos. O evangelho foi alterado, sendo visto como um modo de obtermos o que queremos. Nessa distorção, em que o homem ocupa o centro do cristianismo, passamos a ver Cristo como um meio para

¹¹⁸ ORTIZ, Juan Carlos. **O discípulo**: um livro revolucionário, franco e extremamente agradável, baseado no senhorio de Cristo e no amor fraterno entre seus seguidores. Belo Horizonte: Editoria Betânia, 1980, p. 13-14 e 17.

¹¹⁹ ROMEIRO, Paulo. **Decepcionados com a graça**: esperanças e frustrações no Brasil neopentecostal. São Paulo: Editora Candeia, 2013, p. 110.

¹²⁰ TOZER, Aiden Wilson. **O melhor de A. W. Tozer**: Textos inesquecíveis de um grande pregador. 3. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 1997, p. 185.

¹²¹ ORTIZ, 1980, p. 15.

¹²² LOPES, 2010, p. 61.

atingirmos um fim. Vemo-lo como um caminho para sermos felizes, saudáveis, financeiramente prósperos e, ainda por cima, ganharmos a vida eterna. Então, em vez de os cristãos viverem para a glória de Deus, este é quem existe para glória do homem.¹²³

A mensagem bíblica tem sido violada: os temas que geram algum tipo de incômodo, tem se deixado de lado ou tendo sido “interpretado” de acordo com os interesses e tem se propagado uma fé egoísta e materialista seguindo a lógica de mercado que impera na sociedade, satisfazendo assim os anseios dos exigentes “clientes”.

3.2.4 A dicotomia entre a pregação e a vivência

Como visto, uma das características da realidade contemporânea é a restringibilidade da religião, ou seja, a fé tem ocupado um papel acessório no modo de viver. Assim, facilmente se separa a vida em dois compartimentos: atividade religiosa e todas as atividades não religiosas¹²⁴ ou sagrado e secular¹²⁵. Sendo que a religião/sagrado não deve interferir nas atividades não religiosas/seculares. Logo as decisões do cotidiano não são norteadas pelos princípios bíblicos.

“Os evangélicos têm a tendência de separar a centralidade do senhorio de Cristo, bíblicamente fundamentada, do viver cotidiano, de modo que a adoração se torna, com efeito, compartimentada em cápsulas de uma hora de duração.”¹²⁶

A consequência dessa divisão é a possibilidade de “compatibilizar” o professar do cristianismo e o viver de forma contraditória a mensagem genuinamente bíblica. Tais pessoas conseguem viver com todos os tipos de inconsistências lógicas sem ter nenhuma consciência delas.¹²⁷

Nessa compreensão, a Escritura estaria limitada ao momento de culto e às demais atividades relacionadas à igreja, não tendo qualquer reflexo relacionado com a família, no tratar com a vizinhança, ao momento de lazer, à atuação profissional e afins.¹²⁸

¹²³ DUGAN, 2012, p. 203.

¹²⁴ SHEDD, Russel P. **Adoração bíblica**. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1987, p. 8.

¹²⁵ DUGAN, 2017, p. 100-101.

¹²⁶ SHEDD, 1987, p. 137.

¹²⁷ CARSON, 2013, p. 45.

¹²⁸ SHEDD, 1987, p. 8.

Vale dizer que o próprio analfabetismo bíblico corrobora com essa separação do que está estabelecido na Bíblia e a prática diária, pois a meditação na Escritura fomenta o temor ao Senhor (Dt 4.10; 6.1-2; 8.6; 31.11-13). Assim o desconhecimento do texto sacro favorece a uma vida sem uma maior ingerência dos valores bíblicos.

Logo, um empresário fiel e fervoroso dos domingos, desenvolve atividades de burla ao fisco, de desonestidade com seus clientes.¹²⁹ Jovens que declaram amar o Deus da Bíblia têm uma vida sexual ativa sem o vínculo do matrimônio.¹³⁰ O membro da igreja pratica violência doméstica (verbal e até física) contra sua esposa e filhos.

Justamente pelo fato da Escritura não ser observada no cotidiano é que “apesar do crescimento numérico, os evangélicos não têm feito diferença na sociedade brasileira quanto à ética, aos usos e costumes, como uma força que influencia a cultura para o bem e para melhor.”¹³¹

Confirmando essa realidade de dicotomia, uma pesquisa feita nos Estados Unidos, pelo Instituto Barna, trouxe o seguinte resultado: 41% dos cristãos praticantes, do sexo masculino com idade de 13 a 24 anos, usam a pornografia com frequência e o mesmo acontece com 23% dos que têm 25 anos para cima. 13% das cristãs praticantes, de idade entre 13 e 24 anos, usam a pornografia com frequência e o mesmo acontece com 5% das que têm mais de 25 anos para cima. Apenas um terço dos cristãos se sente culpado com o uso da pornografia e somente 19% tentam abandonar o hábito.¹³²

Esse mesmo instituto solicitou que cristãos identificassem suas atividades nos últimos trinta dias, e foram citadas práticas como apostas ou jogos na internet, visitar sites pornográficos, pegar coisas que não lhes pertenciam, consultar médium ou uma pessoa paranormal, envolver-se em brigas ou abusar fisicamente de alguém, consumir álcool em quantidade suficiente para ser considerado legalmente embriagado, usar drogas ilegais ou não prescritas, dizer algo que não era verdadeiro, revidar contra alguém, falar mal de outras pessoas pelas costas.¹³³

¹²⁹ AMORESE, 1998, p. 67.

¹³⁰ CARSON, 2013, p. 45.

¹³¹ NICODEMUS, 2008, p. 165.

¹³² DUGAN, 2017, p. 62.

¹³³ YANCEY, Philip. **O eclipse da graça**: onde foi parar a boa-nova do cristianismo? São Paulo: Mundo Cristão, 2015, p. 79.

Taxas de divórcios entre cristãos refletem as do resto da sociedade, assim como as taxas de abusos físicos e sexuais; a promiscuidade entre adolescentes cristãos é apenas marginalmente mais baixa; só 9% dos evangélicos pagam integralmente o dízimo sobre seus rendimentos; os evangélicos estão entre os mais racistas de todos os grupos pesquisados por George Gallup; a média de abortos entre os católicos supera a média nacional.¹³⁴

É muito comum os cristãos serem considerados diferentes, porém devido a motivos de pouca importância. Adotamos roupas, corte de cabelo, música, padrões de fala e hábitos dominicais diferentes dos da cultura que nos cercam. Talvez sejamos até considerados esquisitos ou fora do lugar. Todavia, em geral há pouca diferença no nível moral/ético. Pesquisas costumam revelar paridade moral entre evangélicos e o restante da população no tocante a honestidade e fidelidade conjugal.¹³⁵

O Grupo Barna conduziu uma pesquisa entre os não cristãos, e trouxe o seguinte dado: 84% afirmaram conhecer pessoalmente pelo menos um cristão comprometido. No entanto, apenas 15% julgaram que os estilos de vida desses seguidores de Cristo diferiam significativamente das pessoas comuns.¹³⁶

Diante das informações expostas, é flagrante o desalinhamento entre a mensagem bíblica e a vida daqueles que se declaram seguidores da Bíblia. O resultado desta lamentável realidade é a descredibilidade dos evangélicos perante a sociedade. E conseqüentemente, a igreja passa a ter um papel de pouca relevância social, tendo em vista que ela deixa de ser um instrumento de transformação, sendo apenas uma reprodutora da realidade já existente na sociedade.

“Hoje as pessoas escutam belos sermões, mas não veem vida. A igreja é mais conhecida pelos seus escândalos do que pelos seus milagres. A igreja divorciou a pregação da vida.”¹³⁷

Em um estudo feito entre estudantes universitários, foi solicitado que se escrevesse a primeira coisa que vem à cabeça quando se ouve a palavra cristianismo, e a resposta mais comum foi: pessoas que não praticam o que pregam.¹³⁸

O divórcio entre o discurso e prática também pode ser reconhecido no modo de tratar os discriminados. A Bíblia, principalmente através dos ensinamentos e exemplo de Jesus (Mt 25.31-46; Mc 2.17; 10.46-54; Lc 5.12-15; 19.10; 23.39-43; Jo 8.1-11),

¹³⁴ YANCEY, 2015, p. 80.

¹³⁵ DUGAN, 2017, p. 112.

¹³⁶ YANCEY, 2015, p. 79.

¹³⁷ LOPES, 2012, p. 173.

¹³⁸ YANCEY, 2015, p. 79.

preceitua o amor e o cuidado com o próximo, em especial com os menos favorecidos.

Ou ela (a igreja) acolhe os pecadores, os marginalizados e os pobres, e leva-os a uma experiência completa com a graça transformadora de Deus, ou adota uma estrutura sectária e elitista, um instrumento de manutenção do status quo, justificando a ordem vigente discriminatória e opressora.¹³⁹

Alguns exemplos de marginalizados nos dias atuais são: mendigos, prostitutas, homossexuais, drogados.¹⁴⁰ Entretanto, a igreja, em vez de ser um porto de graça¹⁴¹, o local onde os rejeitados pela sociedade encontram amor, esperança e salvação, ela tem sido mais um local de desprezo, conforme relatos verídicos expostos a seguir.

A primeira narrativa que será citada é descrita pelo Rev. Wildo Gomes dos Anjos, que é fundador e presidente da Missão Vida, retratando um pouco da origem deste trabalho. Esta missão, que possui uma excelente estrutura e que faz um trabalho extraordinário, tem como finalidade alcançar e restaurar, através do Evangelho, os moradores de rua (mendigos).

A necessidade de encontrar um lugar para acolher aqueles homens se tornava cada vez mais urgente. Levava-os todos os domingos à Igreja, mas eles não se sentiam aceitos, amados. Na verdade, eles não faziam parte daquela congregação. Alguns membros da Igreja não concebiam a ideia de dividir com eles os mesmos bancos, a mesma palavra e chegaram a me pedir que não os levasse mais aos cultos e reuniões. O preconceito atingia, também, os presbíteros e diáconos da Igreja os quais condicionaram a permanência de seus filhos na congregação à saída dos ex-mendigos.¹⁴²

Philip Yancey, ao contar a história verídica de um amigo que evangelizava pessoas rejeitadas de Chicago, no caso uma prostituta, relatou o seguinte:

Uma prostituta veio a ele em situação muito difícil, sem casa, a saúde falhando, sem dinheiro para comprar alimento para a filha de dois anos de idade. Com os olhos cheios de lágrimas, confessou que estivera alugando a filha – de dois anos! – para homens interessados em sexo exótico; para sustentar o seu próprio vício de drogas. Meu amigo mal aguentava ouvir os sórdidos pormenores daquela história. Ele ficou em silêncio, não sabendo o que dizer. Finalmente perguntou se ela já pensara em ir a uma igreja pedir ajuda. ‘Nunca esquecerei o olhar de puro espanto que se estampou em seu

¹³⁹ MONTEIRO, Marcos. **Um jumentinho na avenida**: a missão da igreja e as cidades. Viçosa: Ultimato, 2007, p. 62-63

¹⁴⁰ CERQUEIRA, 2012.

¹⁴¹ YANCEY, Philip. **Maravilhosa Graça**. Tradução Yolanda Krievin. 2 ed. São Paulo: Editora Vida, 2007, p. 12.

¹⁴² ANJOS, Wildo Gomes dos. **A Missão que surgiu na Madrugada**. Anápolis: MZ Produções culturais Ltda, 2001, p. 73

rosto', ele me contou. 'Igreja', ela exclamou. 'Por que iria a uma igreja? Eles apenas fariam que me sentisse ainda pior do que já me sinto.'¹⁴³

O mesmo autor, em outra obra, conta a experiência que teve a partir do momento em que começou a ter contatos com alguns vizinhos homoafetivos:

Comecei a fazer questão de conhecer outros gays de nossa vizinhança, até mesmo alguns que tinham antecedentes cristãos. "Eu ainda creio", um deles me disse. "Gostaria de ir à igreja, mas sempre que tento alguém espalha boatos a meu respeito e de repente todos se afastam." Para finalizar, ele acrescentou uma observação gélida: "Como gay, descobri que é mais fácil conseguir sexo nas ruas do que um abraço na igreja."¹⁴⁴

"Tragicamente, os divorciados, os alcoólatras, os introvertidos, os rebeldes e os desempregados, frequentemente relatam que a igreja é a última organização que demonstra compaixão."¹⁴⁵

Ante o exposto, se verifica que o cuidado com os marginalizados, determinado pela Escritura, tem sido limitado a um mero discurso poético que causa admiração, porém não tem sido concretizado em atitudes, pelo contrário a prática nega a mensagem pregada.

Em suma, é possível visualizar que de um modo geral a igreja evangélica contemporânea tem como conteúdo principal da sua pregação outros elementos que não a Bíblia, é marcada pelo analfabetismo bíblico, tem alterado a genuína mensagem da Escritura e não observa o texto sacro no modo de viver. Tais fatos revelam que a Bíblia tem sido secundarizada pela mencionada comunidade religiosa.

3.3 O GRANDE ABISMO ENTRE ESTES JUÍZOS DE VALORES

A igreja contemporânea deveria ser uma continuidade da igreja primitiva. Entretanto, na verdade, o que se visualiza é um grande abismo no modo de tratar a Escritura. Na medida em que a igreja atende às imposições do mercado religioso, com as exigentes reivindicações dos "consumidores", mais se distancia do exemplo deixado pela igreja do primeiro século. Enquanto os primeiros cristãos valorizaram a

¹⁴³YANCEY, Philip. **O Jesus que nunca conheci**. Tradução Yolanda M. Krievin. São Paulo: Editora Vida, 2004, p. 139-140.

¹⁴⁴YANCEY, 2007, p. 157

¹⁴⁵BRAND, Paul; YANCEY, Philip. **À imagem e semelhança de Deus**: Uma analogia entre o corpo humano e o corpo de Cristo. Tradução James Monteiro dos Reis. São Paulo: Editora Vida, 2003, p. 254.

Escritura, atribuindo um papel de centralidade, os evangélicos contemporâneos tem conferido um valor acessório.

Logo, é perceptível o grande abismo entre estes juízos de valores. E esse grande abismo pode ser constatado através de uma análise crítica dos seguintes aspectos: a) o conteúdo da pregação; b) nível de conhecimento da Escritura; c) a repercussão do Texto Sacro no viver; e d) o impacto na sociedade.

A partir de Atos 2, em especial com base na prédica de Pedro, constata-se que a pregação da igreja primitiva estava fundamentada na Escritura. Apenas nesse discurso três passagens do Antigo Testamento (a Bíblia da igreja primitiva) foram mencionadas: Joel 2.28-32, Salmos 16.8-11 e 110.1. Além disso, nessa fala a pessoa de Jesus ocupa um espaço de destaque (At 2.22-36). Em outras palavras, o anúncio da igreja paradigma era cristocêntrico e bíblico. Vale dizer que não houve uma preocupação em proclamar uma mensagem atrativa/agradável aos ouvintes, pelo contrário foi comunicado uma palavra confrontativa que: i) divergia do pensamento de alguns que ali estavam (At 2.15), ii) revelava a culpa (At 2.23), iii) indicava o arrependimento como algo imprescindível (At 2.38). Diante desse duro discurso muitos, inclusive, tiveram o seu coração quebrantado (At 2.37).

Todavia, a igreja contemporânea, com intuito de agradar os seus ouvintes, não causando a eles qualquer incômodo, em vez de propagar uma mensagem cristocêntrica e bíblica, tem comunicado uma palavra antropocêntrica, cujo conteúdo principal está relacionado ao entretenimento e à autoajuda.

Em relação ao nível de conhecimento da Escritura, o verso 42 do capítulo 2 de Atos, que inicia a secção que aborda sobre o modo de viver dos primeiros cristãos e mostra os pilares desse viver, dentre estes pilares, indica a perseverança na doutrina dos apóstolos. O próprio verbo utilizado (προσκαρτεροῦντες/ (perseverando¹⁴⁶) traz uma ideia de constância, ou seja, a igreja primitiva estudava o texto sacro continuamente. O enchimento do Espírito Santo impulsionou aquelas pessoas a se dedicarem ao conhecimento da Escritura. Era uma comunidade que aprendia.¹⁴⁷

Na contramão dessa realidade, com base nas pesquisas anteriormente expostas, a igreja atual é composta por: cerca de 50% (cinquenta por cento) de

¹⁴⁶ TAYLOR, 1980.

¹⁴⁷ STOTT, 2020, p. 87.

líderes que sequer leram a Bíblia uma vez¹⁴⁸, 75% (setenta e cinco por cento) dos membros também não realizaram essa leitura, e por 68% dos frequentadores que não tem o hábito de meditar diariamente na Escritura.¹⁴⁹ Isso gera um terrível desconhecimento bíblico generalizado. Enquanto os primeiros cristãos eram ávidos pelo estudo da Palavra, os hodiernos são analfabetos bíblicos.

Atos 2.42-47 também demonstra que a Escritura não era apenas o conteúdo da pregação, mas era vivenciada pela igreja paradigma. As condutas dos primeiros cristãos atestam essa verdade, dentre elas, a partir da citada perícopa, pode-se ressaltar a comunhão (2.42, 44 e 46), oração (2.42), temor ao Senhor (2.43), cuidado com os necessitados (2.45) e louvor (2.47). Logo, eles não eram apenas ouvintes, mas praticantes do ensino bíblico. O texto sacro extrapolava o mero conhecimento intelectual. Ele estava presente no cotidiano. Eles conheciam e viviam a Palavra. A pregação era um desaguar da vida, e a vida, um reflexo da pregação. Havia uma harmonia entre o que se anunciava e o que se vivia.

Ao distanciar-se desse exemplo, o modo de viver da igreja hodierna tem se afastado da mensagem bíblica, já que o procedimento ético/moral dos evangélicos da contemporaneidade contradiz o que está estabelecido na Escritura. Essa realidade está associada à própria marginalização da Bíblia, ou seja, o mencionado livro tem um papel limitado às atividades religiosas, não exercendo uma maior influência no procedimento cotidiano. Assim, o texto sacro preceitua a honestidade (Ef. 4.28), mas o que se vê é a prática da sonegação; a Bíblia estipula a sinceridade (Cl. 3.9-11), entretanto a mentira é tratada como algo natural; a Escritura estabelece a santidade (1 Pe 1.16), todavia o sexo antes e fora do casamento tem sido praticado cada vez mais na atual comunidade religiosa, além de tantas outras contradições. Sider comentou o seguinte: “A surpreendente qualidade de vida dos primeiros crentes atraía as pessoas a Cristo, hoje nossa hipocrisia afasta os descrentes.”¹⁵⁰

O verso 47 do capítulo 2 de Atos ainda vai revelar que a igreja primitiva gozava de simpatia perante o povo e que dia a dia o Senhor acrescentava os que iam sendo salvos. Em outras palavras, aqueles irmãos tinham um papel transformador na sociedade, o modo de viver deles era irresistível.

¹⁴⁸ DUGAN, 2012, p. 28.

¹⁴⁹ CHAGAS, 2022.

¹⁵⁰ SIDER apud YANCEY, 2015, p. 80.

Na contramão, até em decorrência da dicotomia do ensino com a prática, a igreja contemporânea tem amargado o descrédito por parte da sociedade e, conseqüentemente, tem exercido uma função de pouca relevância social. A sua existência tem sido algo indiferente. Enquanto a igreja paradigma desfrutava da simpatia e admiração, os evangélicos tem tido o descrédito e antipatia.

Segue uma tabela comparativa:

	Igreja primitiva	Igreja evangélica contemporânea
Conteúdo da pregação	Fundamentada na Mensagem Escritura (cristocêntrico e bíblico)	antropocêntrica
Nível de conhecimento	Dedicados ao conhecimento da Escritura	Analfabetos bíblicos
Repercussão no viver	Praticantes	Dicotomia
Reflexo na sociedade	Agentes de transformação	Pouca relevância

4 UMA PONTE PARA O GRANDE ABISMO: RESTAURANDO O APREÇO PELA ESCRITURA

Nos capítulos anteriores foi visto que há um grande abismo entre o juízo de valor atribuído à Escritura Sagrada pela igreja primitiva em comparação com a igreja evangélica contemporânea: enquanto nas primeiras comunidades cristãs o texto sacro tinha um lugar central, atualmente, em muitas congregações evangélicas, a Bíblia tem sido pouco valorizada.

Todavia, é importante não só identificar o problema, mas sim apontar possíveis soluções. O apenas criticar é uma análise estéril. Reconhecer o defeito é o primeiro passo, que deve ser sucedido pela busca de meios de resolução, sob pena de se ter uma reflexão improdutiva. “Saibamos também que defrontar-se com a crise é encontrar a possibilidade de ser verdadeiramente a igreja.”¹⁵¹

Esta última secção tem justamente esse propósito de sugerir atitudes necessárias para que o apreço pela Escritura seja restaurado, e, conseqüentemente, que a igreja contemporânea possa se aproximar do exemplo da igreja primitiva, além de analisar os impactos dessa valorização.

4.1 PILARES DESSA PONTE

Ao visualizar uma ponte, é possível reparar que ela está fundamentada em alguns pilares, que lhes dão sustentação. No caso da ponte que conduz à superação do grande abismo existente entre a igreja primitiva e a contemporânea, em relação à valorização da Escritura, para que ela seja erguida, é preciso a constituição de alguns pilares que serão apontados.

4.1.1 A dedicação à Bíblia

Para que a Escritura volte a ter um papel de centralidade na igreja, é imprescindível que haja disposição no estudo dela. Essa dedicação envolve o investimento de tempo e esforço.¹⁵² Uma prática simples, mas que, infelizmente, tem

¹⁵¹BOSCH, David J. **Missão transformadora**: Mudanças de paradigma na teologia da missão. São Leopoldo: EST, Sinodal, 2002, p. 19.

¹⁵²DUGAN, 2012, p. 56.

sido cada vez mais escassa, é a sua meditação diária. O estudo da Palavra não está limitado a complexos métodos interpretativos, mas se inicia com o hábito devocional. A Bíblia precisa fazer parte do cotidiano dos evangélicos.

É necessário ter uma disciplina nesse objetivo. Disciplina implica realizar algo mesmo quando em determinadas circunstâncias não se tenha desejo. Ou seja, é essencial a leitura diária da Escritura, mesmo no dia em que não se tenha qualquer vontade nesse sentido. Logo esse costume diz respeito a uma decisão, e não a uma mera emoção. A meditação a partir da Bíblia deve ser feita não pelo fato da pessoa ter uma sensação favorável para essa conduta (emoção), mas sim por ter tal compromisso.

Essa compreensão é relevante, tendo em vista que todos terão dias em que não sentirão qualquer motivação para ler a Palavra. Todavia, ainda assim, a leitura deve ser realizada, pois o fundamento dessa conduta é uma decisão. Nessa observância está expressa a disciplina. “Precisamos ter os dedos sobre as páginas da Bíblia como um barco ancorado no cais durante uma tempestade violenta.”¹⁵³

Através do exemplo da igreja primitiva, verifica-se que a concepção de que a atuação do Espírito Santo se vincula ao anti-intelectualismo, é, na verdade, um equívoco. Como visto nos capítulos anteriores, a primeira comunidade cristã era composta por pessoas ávidas pelo conhecimento da Escritura. Era uma comunidade disposta ao aprendizado e o enchimento do Espírito Santo impulsionou aqueles cristãos a analisarem a doutrina.¹⁵⁴

Uma igreja viva é uma igreja que aprende, uma igreja submissa à autoridade do ensino dos apóstolos. Os pastores expõem a Escritura no púlpito, os pais ensinam as crianças em seu lar e os membros meditam nela todos os dias. O Espírito Santo leva o seu povo a honrar a Palavra de Deus, dedicando-se ao seu estudo.¹⁵⁵

Essa dedicação é algo necessário a partir da liderança. Como abordado no capítulo anterior, o analfabetismo bíblico existente, de um modo geral, entre os evangélicos, na verdade é um reflexo de uma ignorância real na própria liderança. Portanto, é preciso que essa mudança também ocorra nos líderes, ou seja, que essa disposição em estudar o texto sacro seja vivenciada por eles.

¹⁵³ SWINDOLL, 2012, p. 82.

¹⁵⁴ STOTT, 2020, p. 87.

¹⁵⁵ STOTT, 2013, p. 24.

“Nossas congregações precisam de pastores que estudem muito, orem muito, preparem mensagens balanceadas e em seguida abram suas Bíblias e ensinem as pessoas a estudar a palavra por si mesmas.”¹⁵⁶

Por meio da leitura diária da Escritura, o grande problema do analfabetismo bíblico, que aflige a igreja evangélica da contemporaneidade, poderá ser superado.

4.1.2 A fidelidade à Bíblia

A adulteração da Escritura está intimamente associada ao escopo de se satisfazer “os consumidores” do mercado religioso. Mas na verdade, o propósito prioritário da igreja deve ser agradar a Deus¹⁵⁷ e isso implica ser fiel à Sua Palavra. O pensamento da igreja deve se guiar pelo que diz a Bíblia e não por objetivos pragmáticos. Os padrões morais revelados por Deus na Bíblia não devem ser diminuídos em nome da quantidade de ouvintes nas igrejas.¹⁵⁸ A mensagem bíblica precisa ser anunciada com integridade e não deve ser modificada ou amputada,¹⁵⁹ a depender das conveniências dos ouvintes. Essa distorção, inclusive enseja também a prejudicial interpretação fundamentalista.

Há um grande problema em adaptar a igreja ao gosto do freguês em vez de seguir o planejamento quanto ao que Deus deseja realizar [...] O ímpio não precisa encontrar na igreja o mesmo mundo que encontra fora dela. A igreja não está competindo com o mundo. Jesus não é uma marca.¹⁶⁰

Não será possível restabelecer a importância da Escritura se o compromisso de pregação com fidelidade não for executado. A pregação deve ser essencialmente uma exposição da Palavra de Deus.¹⁶¹ Sem dúvida, a sã doutrina bíblica confronta, gera incômodo e até pode ser insuportável para alguns (2 Tm 2.3-4), todavia ainda assim, ela deve ser pregada de forma genuína (2 Tm 2.2), mesmo que a consequência seja a rejeição das pessoas (2 Tm 2.3). Por mais que a autêntica instrução bíblica desagrade os ouvintes, é ela que tem o poder de transformar,

¹⁵⁶ SWINDOLL, 2012, p. 108-109.

¹⁵⁷ MACARTHUR JR, 1997, p. 116.

¹⁵⁸ NOCODEMUS, 2008, p. 143.

¹⁵⁹ SWINDOLL. 2012, p. 85.

¹⁶⁰ SWINDOLL. 2012, p. 108.

¹⁶¹ STOTT, 2013, p. 96.

conceder resiliência, dar discernimento e salvar (1 Tm 4.16). “A igreja precisa de verdades bíblicas ensinadas de maneira clara e correta.”¹⁶²

O verdadeiro sucesso de uma igreja não é mensurado pelo número de seguidores ou pela sua capacidade financeira, ou qualquer outro conceito empresarial de sucesso, mas sim pela sua fidelidade ao Senhor e à sua Palavra, apesar das consequências.¹⁶³ “A voz da Bíblia é a voz da sabedoria que não se sujeita às vicissitudes dos tempos e às oscilações das demandas mercadológicas.”¹⁶⁴

A igreja não deve ser subserviente ao mercado religioso, dobrando-se às exigências dos “consumidores”. O compromisso com a Escritura tem que ser superior a qualquer interesse das pessoas. É preciso maior fidelidade à Escritura (fixidez total).¹⁶⁵ Portanto, os preceitos do arrependimento, da cruz, da transformação, da renúncia, da santidade e afins precisam ser proclamados.

Os tempos mudaram, mas Deus não mudou. As circunstâncias são outras, mas o evangelho é o mesmo. A forma de pregar pode ser repaginada, mas o conteúdo da pregação permanece inalterável [...] Para explicar a Palavra é preciso ser fiel na interpretação. É preciso fazer uma exegese sadia, ou seja, tirar do texto o que está nele, em vez de impor ao texto o que ele não está afirmando.¹⁶⁶

Com o escopo de atender à conveniência e ao interesse dos ouvintes, igrejas evangélicas, na sua pregação, têm imposto significados como se fossem bíblicos, mas que na verdade não tem embasamento na Escritura (adulteração). Buscando ter uma mensagem compatível com as concepções aceitas e até de certa forma impostas pela sociedade, tem se “implantado” na Bíblia ensinamentos que são estranhos a Ela. Entretanto, a decisão pela fidelidade desafia a deixar de lado os interesses pessoais e dos outros, e buscar o que, verdadeiramente, o texto sacro pretende, em fidelidade ao Espírito e à mensagem de Cristo.

O erguimento do pilar da fidelidade à Escritura possibilita a superação de problemas, entre eles o da utilização de outros fundamentos que não a Bíblia como conteúdo principal do anúncio, bem como o da adulteração da Palavra, além da

¹⁶² SWINDOLL, 2012, p. 93.

¹⁶³ MACARTHUR JR. 1997, p. 26.

¹⁶⁴ BRAKEMEIER. p. 89.

¹⁶⁵ STOTT, 2013, p. 62.

¹⁶⁶ LOPES, 2012, p. 9 e 326.

danosa interpretação fundamentalista. Isso é extremamente necessário, porque ser fiel ao texto sacro significa interpretá-lo e pregá-lo com integridade.

4.1.3 A contextualização da mensagem

Inicialmente é relevante se diferenciar a adulteração da contextualização. A primeira diz respeito a modificar a mensagem, já a última implica tornar o genuíno conteúdo acessível aos ouvintes. Na contextualização, a mensagem bíblica não é alterada, ela é anunciada com integridade e de uma forma inteligível aos destinatários. Em outras palavras, a contextualização visa adotar um modo em que a Palavra seja ensinada com fidelidade, de maneira que facilite o aprendizado do público alvo.

Um dos fatores que contribuem para o grande problema do analfabetismo bíblico, que assola a igreja evangélica contemporânea, é que por vezes a Bíblia é ensinada sem qualquer contextualização e, conseqüentemente, a mensagem se revela sem aplicabilidade para os ouvintes, gerando um desinteresse pelo Seu estudo.

“Podemos ficar em pé diante de uma congregação e pregar sermões exegeticamente corretos, eruditos e organizados, mas são mortos e sem poder.”¹⁶⁷ A prédica sem a necessária aplicabilidade se demonstra estéril e, por extensão, desinteressante.

O filme *Mudança de Hábito* ilustra bem essa realidade. Nesse filme se trata sobre uma congregação que estava em declínio e sem exercer um papel de relevância na comunidade em que estava inserida, justamente, por pregar uma mensagem sem contextualização, dissociada da realidade das pessoas, ou seja, uma mensagem indiferente à situação dos ouvintes. Ela estava apenas preocupada em cumprir seus rituais dentro das quatro paredes. Entretanto, a partir da atuação da nova “freira” Deloris, essa conjuntura é alterada, e aquela igreja passa a se atentar à realidade local, inclusive anunciando a mensagem de forma significativa aos destinatários, por meio da música.¹⁶⁸

¹⁶⁷ ROBINSON, 2002, p. 79-80.

¹⁶⁸ O filme tem Direção de Emile Ardolino. Produção de Cindy Gilmore, Mario Iscovich, Scott Rudin e Teri Schwartz. Estados Unidos: Touchstone Pictures. 1992. Filme.

Palmer, ao explanar sobre as dimensões da interpretação, discorre sobre três vertentes básicas do verbo interpretar: a) dizer, b) explicar e c) traduzir. A primeira diz respeito ao exprimir/afirmar. O simples dizer é um ato importante na interpretação. A segunda aponta para a dimensão explicativa da interpretação. O significado tem vínculo com o contexto. Por fim, a última envolve o tornar compreensível o que é estranho ou inteligível. Há sempre dois mundos: o mundo da mensagem e o mundo do leitor. Por consequência, há sempre a necessidade de tradução de um para outro.¹⁶⁹

A contextualização está associada principalmente à dimensão interpretativa da tradução, tendo em vista que ela busca transformar o que é estranho, pouco comum e obscuro, em algo que tenha significado ao mundo do ouvinte, algo que fale a sua língua.¹⁷⁰

A Bíblia chega-nos de um mundo distante no tempo, espaço e língua, um mundo estranho que temos que interrogar (e que nos interroga). De certo modo, o horizonte do nosso universo compreensivo deve encontrar-se e fundir-se com o horizonte compreensivo do texto. Mediado não só pela língua, mas também pela história (um espaço de tempo de dois mil anos), o Novo Testamento deve falar com palavras que sejam do nosso mundo, que constituam o nosso *medium* para ver o que existe. Como podemos esperar compreender acontecimentos que se passaram num contexto totalmente diferente da moderna cidade secular de comunicação de massas, de conflitos mundiais, gás, napalm, armas atômicas e guerra bacteriológica? Devemos manter a ação literal do Novo Testamento ou apresentar o que seria o seu equivalente nos tempos modernos?¹⁷¹

No desafio de se restaurar o apreço à Escritura, é importante que a mensagem bíblica seja ensinada de forma contextualizada. Nessa situação, o expositor tem um relevante papel. Ele precisa estar atento ao mundo da Bíblia e ao mundo específico dos seus ouvintes.¹⁷² É fundamental conhecer a Bíblia e o povo, o texto e o contexto, a Escritura e também a cultura.¹⁷³

De algum modo, pois, precisamos aprender a combinar essas duas preocupações corretas. Precisamos lutar com a dialética entre o mundo antigo e o mundo moderno, entre o que foi dado e o que ficou em aberto, entre conteúdo e contexto, Escritura e cultura, revelação e contextualização.¹⁷⁴

¹⁶⁹ PALMER, Richard E. **Hermenêutica**. Lisboa: Edições 70, 1969, p. 24-41.

¹⁷⁰ PALMER, 1969, p. 39.

¹⁷¹ PALMER, 1969, p. 37.

¹⁷² ROBINSON, 2002, p. 79.

¹⁷³ LOPES, 2012, p. 257.

¹⁷⁴ STOTT, 2013, p. 62.

É um equívoco realizar uma prédica apenas voltada para o mundo da Bíblia, indiferente à realidade atual, especialmente, à situação em que os destinatários estão inseridos. É preciso apresentar o genuíno conteúdo bíblico que é atemporal (o mesmo ontem, hoje e amanhã) na linguagem específica da própria época. Logo, é necessário aprender a linguagem e os hábitos mentais do público.¹⁷⁵ Além disso, enxergar as suas necessidades, mostrando a resposta bíblica para elas.

Ao lado da fixidez total, visto no tópico da fidelidade à Bíblia, deve-se observar a total fluidez, em que se salienta que o evangelho deve ser contextualizado, ou seja, relacionado de maneira adequada a cada pessoa ou situação em particular. Caso contrário, será considerado irrelevante.¹⁷⁶

Nesse processo de contextualização do conteúdo bíblico, é primordial a utilização da tecnologia. A sociedade atual está inserida em realidade de intensa influência digital. É um erro não utilizar as ferramentas tecnológicas, inclusive as redes sociais para a proclamação do Evangelho. A Palavra precisa adentrar nesse universo digital, por meio da utilização das diversas plataformas. “Ainda hoje precisamos ter discernimento ao buscar os melhores meios, os melhores recursos, os melhores métodos para anunciarmos a melhor mensagem, o evangelho de Cristo.”¹⁷⁷ “Precisamos empregar toda a tecnologia que Deus nos deu para evangelizar”.¹⁷⁸ “O ensinamento deve ser atemporal em seu cerne e ter uma aparência moderna.”¹⁷⁹

O desafio é ser fiel à Escritura e ao mesmo tempo apresentá-la de forma que alcance as pessoas dos dias contemporâneos.¹⁸⁰ Para isso é necessário, simultaneamente, mais fidelidade à Bíblia e mais sensibilidade para com as pessoas.¹⁸¹ Nisso consiste a contextualização. Certamente, uma mensagem bíblica contextualizada impulsionará a valorização da Palavra, na medida em que sua mensagem trará sentido e aplicabilidade à vida das pessoas e resposta aos seus dilemas.

¹⁷⁵ LEWIS, C.S. **Deus no banco dos réus**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2018, p. 117-121.

¹⁷⁶ STOTT, 2013, p. 62.

¹⁷⁷ LOPES, 2012, p. 325.

¹⁷⁸ STOTT, 2020, p. 92.

¹⁷⁹ LEWIS, 2018, p. 118.

¹⁸⁰ STOTT, 2020, p. 84.

¹⁸¹ STOTT, 2013, p. 62.

4.1.4 A Bíblia como livro de fé e prática

Não basta se dedicar ao estudo da Bíblia, nem anunciá-la com fidelidade e de forma contextualizada. É preciso também viver seu ensino. O mero conhecimento é de pouca relevância (Mt 7.24-28 e Tg 1.22-25).

Em 29/12/2002, por ocasião de meu batismo, os candidatos foram questionados sobre o que a Bíblia representa. E a resposta unânime foi: “livro de regra de fé e prática!” Essa objetiva resposta revela que a Bíblia deve estar presente na dimensão conceitual (livro de fé) como também no viver diário (livro de prática).

A ortodoxia (pensamento e opinião corretos acerca da doutrina), precisa estar associada a ortopraxia (prática correta da doutrina). A ortodoxia deve ser uma ferramenta ou meio de alcançar a ortopraxia.¹⁸² Com o analfabetismo bíblico e com a adulteração da Escritura, ou seja, sem a ortodoxia, dificilmente se alcançará a ortopraxia. Todavia, o conhecimento bíblico devido será infrutífero se ele não for expresso em atitudes. “A vida cristã é mais que um credo, é mais que um sentimento. É ação.”¹⁸³

A igreja primitiva manteve, inseparavelmente, ortodoxia e piedade, doutrina e vida, palavra e poder. Ortodoxia sem piedade gera racionalismo estéril. Piedade sem ortodoxia produz misticismo histórico. Ao longo da história, a igreja várias vezes caiu num extremo ou noutro. Ainda hoje, vemos muitas igrejas zelosas da doutrina, mas áridas como um deserto; outras cheias de entusiasmo, mas vazias de doutrina.¹⁸⁴

Para que igreja se aproxime do exemplo deixado pelos primeiros cristãos, é imprescindível que a Bíblia seja honrada através da dedicação ao seu estudo, da pregação da sua mensagem com fidelidade, bem como da observância dos seus ensinamentos no cotidiano. “Nossa dedicação à Palavra de Deus não está fundamentada apenas em lê-la, acreditar nela, ou mesma pregá-la, mas na vivência do seu conteúdo.”¹⁸⁵

O propósito de Deus é que a boa-nova de Jesus Cristo seja manifesta [...] “por palavras e atos” [...] As pessoas precisam ver com os próprios olhos

¹⁸² MCLAREN, Brian. **Uma ortodoxia generosa**: a igreja em tempos de pós-modernidade. Brasília: Palavra, 2007, p. 37.

¹⁸³ LOPES, 2010, p. 250.

¹⁸⁴ LOPES, 2012, p. 14.

¹⁸⁵ SWINDOLL, 2012, p. 81-82.

que o evangelho que pregamos nos transformou [...] De fato, o maior obstáculo ao evangelismo é a falta de integridade do evangelista.¹⁸⁶

É de suma-importância pregar aos ouvidos e olhos. O sermão mais eloquente é o sermão da vida.¹⁸⁷ A sociedade necessita não apenas ouvir falar de Jesus, mas principalmente ver Jesus. Assim, as atitudes dos cristãos precisam ser cada vez mais parecidas com o modo de agir do Mestre. Aliás, esse é o propósito da vida cristã: tornar-se semelhante a Cristo.¹⁸⁸

A partir do momento em que a Bíblia for tratada como um manual de fé e prática, um dos terríveis problemas que assola a igreja evangélica (a dicotomia entre o discurso e o viver) poderá ser vencida.

4.2 A REVOLUÇÃO DECORRENTE DA VALORIZAÇÃO DA BÍBLIA

A igreja, ao se relacionar com o mundo, pode adotar pelo menos três opções: a) assimilação, b) alienação ou c) transformação.¹⁸⁹ A primeira ocorre quando os valores que norteiam a sociedade, muitos deles contrários aos estabelecidos na Bíblia, são absorvidos. Essa realidade é vista claramente quando se adultera a Escritura, sendo inseridos conteúdos estranhos, bem como quando são amputados assuntos considerados desagradáveis, com o propósito de satisfazer os ouvintes. Assim a igreja passa se amoldar ao mundo, em outras palavras, ela toma a forma do mundo.

A segunda opção acontece quando a igreja se isola completamente, sendo indiferente à realidade que a cerca. Ela se fecha em suas quatro paredes, se preocupando em cumprir seus rituais. É erguida uma fortaleza e no interior dela se pratica uma língua própria (um “dialeto” cheio de alusões bíblicas incompreensíveis para quem está fora), o círculo de amizades que é praticamente impenetrável para incrédulos, além de literatura, escolas, músicas, arte e afins peculiares.¹⁹⁰ Reflexo dessa situação é a pregação sem a necessária contextualização. Intrigante é que tal conjuntura contradiz a etimologia da palavra igreja *ἐκκλησία*, que é composta pela

¹⁸⁶ STOTT, 2013, p. 63.

¹⁸⁷ LOPES, 2012, p. 31 e 412.

¹⁸⁸ LEWIS, 2017, p. 231.

¹⁸⁹ DUGAN, 2017, p. 96.

¹⁹⁰ DUGAN, 2017, p. 98.

preposição ἐκ que pode ser traduzida como *para fora*, acrescido pelo termo κλησία que pode ser traduzido como chamada/vocação, ou seja, chamada para fora.¹⁹¹

Por fim, a igreja pode ser um agente de transformação. Para isso, é necessária a valorização da Escritura. Em outras palavras, quando a Bíblia ocupa um espaço prioritário, a transformação é apenas um desaguar, uma consequência natural dessa realidade, como foi com os primeiros cristãos. O oposto também é verdadeiro: a comunidade religiosa passa a ter um papel pouco significativo na sociedade, na medida em que secundariza a Palavra. Isso explica a lamentável situação contemporânea em que há um crescimento numérico da igreja evangélica, todavia isso não tem implicado em mudança no campo da ética na sociedade brasileira.

A Escritura desafia seus seguidores a: a) estar no mundo (Jo 17.18) - sensíveis à realidade que os cercam, refutando assim a opção da alienação; b) sem ser do mundo (Jo 17.15-16) – não absorvendo os valores e padrões pecaminosos/danosos da sociedade, se contrapondo à opção da assimilação.

A igreja deve ter uma dupla identidade: separada (santa) e envolvida. Ela foi chamada a sair do mundo para adorar a Deus (santa), e ao mesmo tempo devolvida ao mundo para testemunhar e servir (envolvida). Ela foi convocada pelo Senhor para ser, simultaneamente, distinta do mundo (sistema) e sensível ao mundo (humanidade).¹⁹²

“Deus não imita o sistema do mundo. Pelo contrário, ele nos orienta a caminhar em outra direção, para um estilo de vida que, embora descompassado em relação ao mundo, nunca se distancia das pessoas que estão no mundo.”¹⁹³ A Bíblia tem um conteúdo poderoso e único. Quando ela é, verdadeiramente, estudada, anunciada e vivida, a revolução é inevitável.

¹⁹¹ BOSCH, 2002, p. 448.

¹⁹² STOTT, 2013, p. 50-51

¹⁹³ SWINDOLL, 2012, p.83.

5 CONCLUSÃO

O texto de 2 Reis 22 e 23 narram que o Livro da Lei estava perdido no templo, sendo encontrado em meio às obras de reforma. Após o achado, houve a leitura desse Livro, que gerou arrependimento e um compromisso nacional de voltar a obedecer aos seus preceitos. Em decorrência de tal observância, houve uma transformação radical na nação israelita.

Situação semelhante é possível enxergar na igreja evangélica contemporânea: a Escritura está perdida/esquecida no seu meio. No local em que ela deveria ser valorizada, estudada, anunciada e vivida, na verdade tem sido secundarizada, distanciando-se completamente do exemplo deixado pela igreja primitiva. Entre os primeiros cristãos o texto sacro tinha o papel central, sendo o conteúdo principal da sua mensagem, além de ser reproduzido em atitudes no viver diário, inclusive afetando a vida deles integralmente. E essa importância atribuída fez com que eles exercessem um relevante papel na sociedade, tornando-se agentes transformadores do meio em que viviam.

Na contramão da mencionada realidade da igreja primitiva, muitos evangélicos da atualidade têm atribuído um valor acessório à Bíblia. A igreja está inserida em sociedade marcada pela pluralização (múltiplas opções), horizontalização (valor igualitário das opções), antropocentrismo (ser humano como foco central), subjetivismo (a noção de autorrealização, prazer e satisfação como algo peculiar/relativo a cada indivíduo), materialismo (ênfase no ter), sincretismo (fusão de valores religiosos) e a restringibilidade da religião (a limitação da religião a certos aspectos da vida, não trazendo uma implicação plena). Sendo que essas características propiciam o surgimento do concorrido mercado religioso. Tal conjuntura tem influenciado no modo de considerar a Bíblia. Na tentativa de se agradar “os clientes” do disputado mercado religioso, a Escritura Sagrada tem sido desvalorizada.

Já que o genuíno conteúdo bíblico não se amolda às imposições do exigente mercado religioso, muitas comunidades evangélicas têm substituído o ensinamento bíblico por uma mensagem de entretenimento, autoajuda e materialista. Em outras palavras, outros princípios, que não são os bíblicos têm sido o fundamento da sua pregação. Conseqüentemente, tais igrejas têm se tornado apenas mais um local de

diversão, como qualquer outra casa de espetáculo, ou seja, tornam-se em apenas mais um emissor da mensagem que já é propagada pela sociedade.

Essa desvalorização da Palavra, também pode ser constatada no difuso desconhecimento da Escritura (analfabetismo bíblico). O hábito de leitura da Bíblia tem sido cada vez mais algo raro entre os evangélicos. As pessoas frequentam os cultos, mas não possuem familiaridade com o Livro Sagrado. E esse desconhecimento tem a sua origem na própria liderança, sendo apenas replicado nos demais seguidores.

Com o propósito de satisfazer as conveniências dos “consumidores” do mercado religioso, igrejas têm adulterado a Escritura. Elas têm amputado mensagens que possam ser um incômodo aos ouvintes e em contrapartida tem se proclamado mensagens agradáveis como se fossem bíblicas, sem ter qualquer fundamento na Palavra.

Além disso, a secundarização pode ser vista na dicotomia entre discurso e o modo de viver. O conteúdo bíblico, por vezes, se limita ao momento da programação religiosa, não sendo concretizado em atitudes. Pelo contrário, na verdade, a prática tem representado uma negação dessa mensagem.

É importante destacar que esse grande abismo no juízo de valor atribuído à Escritura por parte da igreja contemporânea, comparado com os primeiros cristãos, traz implicações para a própria sociedade, tendo em vista que a verdadeira observância da Bíblia traz como consequência natural a transformação do seu entorno. Portanto, a igreja que valoriza o texto sacro é um agente de mudança na comunidade em que está inserida, como aconteceu com a igreja primitiva. Logo, o fato de que, atualmente, os evangélicos não exercem o impacto que deveria na sociedade, como uma força que pudesse influenciar a cultura para o bem e para melhor, também está associado a essa secundarização. Assim, restaurar o apreço pela Bíblia, aproximando-nos do exemplo dos primeiros cristãos, significa restabelecer um papel de relevância da igreja perante a sociedade.

O caminho dessa restauração (da construção de uma ponte para superar esse grande abismo) passa pela dedicação ao estudo da Bíblia, pelo compromisso de fidelidade à sua mensagem, pela contextualização do seu assunto, bem como a observância dos seus preceitos através das atitudes (o emprego da Bíblia como livro de fé e prática).

Na interação com o mundo a igreja tem a sua disposição três possibilidades: assimilação (absorção dos valores e padrões pecaminosos/danosos da sociedade), alienação (indiferença a realidade) ou transformação. A igreja precisa ser um agente de revolução na humanidade. Mas para isso é imprescindível que o poderoso conteúdo da Bíblia seja verdadeiramente estudado, anunciado e vivido.

Nossa expectativa é que a Escritura, perdida/esquecida nos “templos” das comunidades evangélicas contemporâneas, possa ser encontrada, como ocorreu no tempo do rei Josias, e volte a assumir um papel de centralidade. Essa mudança, que causa uma revolução avassaladora, começa com o cultivo, de forma pessoal, o amor pela Bíblia e pela mensagem que nela está veiculada.

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição, revista. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

A MENSAGEM: Bíblia em Linguagem Contemporânea. São Paulo: Editora Vida, 2011.

ALLEN, Clifton (Editor Geral). **Comentário Bíblico Broadman: Novo Testamento**. 2 ed. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1987.

AMORESE, Rubem Martins. **Icabode: da mente de Cristo à consciência moderna**. Viçosa: Ultimato, 1998.

ANJOS, Wildo Gomes dos. **A Missão que surgiu na Madrugada**. Anápolis: MZ Produções culturais Ltda, 2001.

BARBOSA, David. **Brasileiros estão lendo menos e Bíblia segue sendo o livro mais lido, aponta pesquisa “Retratos da Leitura”**. Disponível em <<https://oglobo.globo.com/cultura/brasileiros-estao-lendo-menos-biblia-segue-sendo-livro-mais-lido-aponta-pesquisa-retratos-da-leitura-1-24634289>>.

BÍBLIA DE ESTUDO ALMEIDA. Edição revista e atualizada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

BÍBLIA DO MINISTRO COM CONCORDÂNCIA. Nova Versão Internacional. São Paulo: Editora Vida, 2002.

BÍBLIA MENSAGEM DE DEUS. São Paulo: Edições Loyola, 1983.

BONHOEFFER, Dietrich. **Discipulado**. São Paulo: Mundo Cristão, 2016.

BOSCH, David J. **Missão transformadora: Mudanças de paradigma na teologia da missão**. São Leopoldo: EST, Sinodal, 2002.

BRAKEMEIER, Gottfried. **A autoridade da Bíblia: Controvérsias – Significado - Fundamento**. São Leopoldo: Sinodal, 2003.

BRAND, Paul; YANCEY, Philip. **À imagem e semelhança de Deus: Uma analogia entre o corpo humano e o corpo de Cristo**. Tradução James Monteiro dos Reis. São Paulo: Editora Vida, 2003.

CARSON, Donald A. **O Deus amoraçado: o cristianismo confronta o pluralismo**. São Paulo: Shedd Publicações, 2013.

CERQUEIRA, Silas Majdalani de. **O amor de Cristo e o amor da igreja evangélica, em relação às pessoas marginalizadas: uma análise crítica e comparativa entre**

estes amores. 2012. Monografia (Curso de pós-graduação em Ética, Teologia e Educação) – Escola Superior de Teologia, São Leopoldo.

CHAGAS, Tiago. **Estudo revela que poucos fiéis evangélicos leem a Bíblia diariamente.** Disponível em < <https://noticias.gospelmais.com.br/estudo-poucos-evangelicos-leem-biblia-diariamente-118140.html>>.

CHAMPLIN, Russel Norman. **O Novo Testamento interpretado versículo por versículo: Atos e Romanos.** São Paulo: Milenium Distribuidora Cultural Ltda, 1983.

DREHER, Martin. **Bíblia: suas leituras e interpretações na história do Cristianismo.** 2 ed. São Leopoldo: Sinodal, 2013.

DUGAN, Patrick. **Contra o sistema mas ainda no mundo.** Belo Horizonte: Editoria Betânia, 2017.

DUGAN, Patrick. **Nove provas de autenticidade cristã: você possui as marcas que identificam o verdadeiro cristão?.** Belo Horizonte: Editoria Betânia, 2012.

ELLSWORTH, Roger. **Pregue a palavra.** In Amado Timóteo: uma coletânea de cartas ao pastor, org. Tom Ascol. São José dos Campos: Editora Fiel, 2015.

GILBERT, Pierre. **Pequena história da exegese bíblica.** Petrópolis: Vozes, 1995.

HOEFELMANN, Verner. **Atos 2.1-21: auxílio homilético.** Disponível em <<https://www.luteranos.com.br/conteudo/atos-2-1-21>>.

HOEFELMANN, Verner. **Pneumatologia.** Material didático

HOEFELMANN, Verner. **Como Jesus interpretava as Escrituras Sagradas** (material didático).

LEWIS, C.S. **Cristianismo puro e simples.** Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.

LEWIS, C.S. **Deus no banco dos réus.** Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2018.

LOPES, Hernandes Dias. **Atos: a ação do Espírito Santo na vida da igreja.** São Paulo: Hagnos, 2012.

LOPES, Hernandes Dias. **Romanos: o evangelho segundo Paulo.** São Paulo: Hagnos, 2010.

LOUW, Johannes; NIDA, Eugene. **Léxico Grego-português do Novo Testamento baseado e domínios semânticos.** Barueri: Sociedade Bíblica do Barsil, 2013.

MACARTHUR JR, JOHN F. **Com vergonha do evangelho: quando a igreja se torna como o mundo.** São José dos Campos: Editora Fiel, 1997.

MACARTHUR JR, JOHN F. **Ministério Pastoral**: alcançando a excelência no ministério cristão. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 1997.

MCLAREN, Brian. **Uma ortodoxia generosa**: a igreja em tempos de pós-modernidade. Brasília: Palavra, 2007.

MONTEIRO, Marcos. **Um jumentinho na avenida**: a missão da igreja e as cidades. Viçosa: Ultimato, 2007.

NESTLE, E. & ALAND, K. . **Novum Testamentum Graece**. 28. revidierte Aufl. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2004. Disponível em <<http://www.nestle-aland.com/en/read-na28-online/>>

NICODEMUS, Augustus. **O que estão fazendo com a igreja**: ascensão e queda do movimento evangélico brasileiro. São Paulo: Mundo Cristão, 2008

ORTIZ, Juan Carlos. **O discípulo**: um livro revolucionário, franco e extremamente agradável, baseado no senhorio de Cristo e no amor fraterno entre seus seguidores. Belo Horizonte: Editoria Betânia, 1980.

PALMER, Richard E. **Hermenêutica**. Lisboa: Edições 70, 1969.

PETERSON, Eugene H. **O caminho de Jesus e os atalhos da igreja**. São Paulo: Mundo Cristão, 2009.

ROBINSON, Haddon W. **Pregação bíblica**: o desenvolvimento e a entrega de sermões expositivos. São Paulo: Shedd Publicações, 2002.

ROMEIRO, Paulo. **Decepcionados com a graça**: esperanças e frustrações no Brasil neopentecostal. São Paulo: Editora Candeia, 2013.

SHEDD, Russel P. **Adoração bíblica**. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1987.

STAGG, Frank. **O livro dos atos dos apóstolos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1982.

STOTT, John. **A mensagem de Atos**: até os confins da Terra. 2. ed. São Paulo: ABU Editora, 2020.

SWINDOLL, Charles. **A igreja desviada**: Um chamado urgente para uma nova reforma. São Paulo: Mundo Cristão, 2012.

TAYLOR, William Carey. **Dicionário do Novo Testamento Grego**: Vocabulário Grego – Português. 6ª ed. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1980.

TOZER, Aiden Wilson. **O melhor de A. W. Tozer**: Textos inesquecíveis de um grande pregador. 3. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 1997.

WEGNER, Uwe. **Exegese do Novo Testamento**: manual de metodologia. São Leopoldo: Sinodal, 1998.

YANCEY, Philip. **O Jesus que nunca conheci**. Tradução Yolanda M. Krievin. São Paulo: Editora Vida, 2004.

YANCEY, Philip. **Maravilhosa Graça**. Tradução Yolanda Krievin. 2 ed. São Paulo: Editora Vida, 2007.

YANCEY, Philip. **O eclipse da graça**: onde foi parar a boa-nova do cristianismo? São Paulo: Mundo Cristão, 2015.

YOUNGBLOOD, Ronald F. **Dicionário ilustrado da Bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 2004.